



PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM
PSICOLOGIA EXPERIMENTAL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Anita Colletes Bellodi

Orientador: Prof. Dr. Roberto Alves Banaco

Terapia Comportamental no Brasil: História de Terapeutas

São Paulo – SP

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO



Anita Colletes Bellodi

Terapia Comportamental no Brasil: História de Terapeutas

MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL:
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento sob orientação do Prof. Dr. Roberto Alves Banaco.

São Paulo – SP

2011

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total e parcial desta dissertação, por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

São Paulo, 31 de março de 2011

Assinatura: _____

Bellodi, A. C. (2011). *Terapia Comportamental no Brasil: História de Terapeutas*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. 57 pág. PUC-SP.

Orientador: Roberto Alves Banaco

Linha de Pesquisa: História e Fundamentos Epistemológicos e Metodológicos da Análise do Comportamento.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo descrever a história de formação e desenvolvimento profissional de alguns terapeutas comportamentais experientes do Brasil, contribuindo assim para a maturidade da área. Método: Foram participantes 13 terapeutas comportamentais brasileiros que possuíam de 30 a 40 anos de atuação profissional. Como procedimento, foi elaborado o “Questionário para levantamento de dados sobre história de terapeutas comportamentais no Brasil”, que contou com questões que forneceram dados de identificação dos profissionais e questões que visavam respostas diretamente relacionadas ao problema de pesquisa (tais como: “Quais terapeutas ou supervisores ou professores considera terem sido importantes para sua formação como terapeuta comportamental?”). O “Questionário” foi enviado aos participantes e devolvido pelos mesmos via correio eletrônico. Realizou-se a análise das respostas ao “Questionário”, o que deu origem a descrição de parte da história de formação e vida profissional dos participantes e permitiu identificar os profissionais mais citados como importantes mestres na formação dos participantes como terapeutas comportamentais. Optou-se então por entrevistar pessoalmente três pessoas que tiveram seus nomes mais vezes citados, utilizando de um “Roteiro de Entrevista Semi-Estruturado”, gravação por meio eletrônico e transcrição. Como resultados observou-se que: os 13 participantes graduaram-se de 1955 a 1981, em instituições ligadas, em sua maioria, ao início da análise do comportamento no Brasil ou em que estiveram importantes precursores da área: PUCSP, PUCCampinas, Instituto *Sedes Sapientiae*, F.F.C.L. de Ribeirão Preto. Os mestres formadores mais citados por tais terapeutas foram: Maria Amélia Matos, Luiz Otávio de Seixas Queiroz, Hélio José Guilhardi, Rachel Rodrigues Kerbauy e Alice Maria Delitti (Maly Delitti). As referências bibliográficas mais utilizadas no início da formação como terapeutas foram: Skinner, B. F.; Keller e Schoenfeld e JABA (*Journal of Applied Behavior Analysis*), o que parece indicar um compromisso com a ciência do comportamento na formação de tais terapeutas, porém, também enfatiza o fato de não haver na época (década de 1960, 1970) referências específicas em terapia comportamental. A ausência de modelo de atuação foi o resultado principal notado pelas “Entrevistas Gravadas” com três terapeutas: Rachel Kerbauy, Hélio Guilhardi e Maly Delitti. Os três destacaram que não tiveram formação específica em terapia comportamental, construindo assim, suas formas de atendimento através de leituras de artigos de pesquisa, discussão com pares, formação em análise experimental e outros. Desta forma concluiu-se que os primeiros terapeutas comportamentais no Brasil não contaram com modelos de atuação, e colocase como hipótese que tenham formado modelos próprios, o que pode ser investigado em novos estudos.

Palavras-chave: Terapia Comportamental, História, Análise do Comportamento no Brasil.

Bellodi, A. C. (2011). *Behavior Therapy in Brazil: History of Therapists*. Master thesis. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. 57 pág. PUC-SP.

Orientador: Roberto Alves Banaco

Linha de Pesquisa: História e Fundamentos Epistemológicos e Metodológicos da Análise do Comportamento.

ABSTRACT

This study aimed to describe the history of professional training and development of a group of behavior therapists experienced in Brazil, thereby contributing to the advance of the area. Method: Participants were 13 Brazilians behavior therapists from thirty to forty years of professional work as therapists. As a procedure, it was prepared the "Questionnaire of behavior therapists history in Brazil", which included questions that provided data to identify the professionals, and questions directly related to the research problem (such as, "What therapists, teachers or supervisors have been important to your training as a behavior therapist?"). The "Questionnaire" was sent to the participants and they returned it by email. The responses to the "Questionnaire" were analyzed, which led to the description of the history of training and professional careers of participants and identifying the professionals most mentioned as being important participants in their training as behavior therapists. It was decided then to conduct personally interviews with three people who had their names mentioned the most by using a "Semi-Structured Interview," by electronic recording and transcription. The results showed that: the 13 participants have graduated from 1955 to 1981, in institutions connected mostly at the beginning of Behavior Analysis in Brazil or in which were important precursors of the area: PUCSP, PUCCampinas, *Sedes Sapientiae* Institute, FFCL Ribeirão Preto. The master trainers most often cited by these therapists were: Maria Amélia Matos, Luiz Otávio de Seixas Queiroz, Hélio José Guilhardi, Rachel Rodrigues Kerbauy and Alice Maria Delitti (Maly Delitti). The references mainly used in early training as therapists were: Skinner, B. F., Keller and Schoenfeld and JABA (Journal of Applied Behavior Analysis), which seems to indicate a commitment to behavioral science, but also emphasizes the fact that there were not at that time (1960s, 1970s) specific references in behavior therapy. The absence of model performance was noticed by the main result from "Recorded Interviews" with the three therapists: Rachel Kerbauy, Hélio Guilhardi and Maly Delitti. All three said that did not have specific training in behavior therapy, thus they used to build their forms of behavior therapy by reading research articles, discussion with peers, training in experimental analysis. It was concluded that early behavior therapists in Brazil have not had role models, and place the hypothesis that they have built their own models, which can be investigated in further studies.

Keywords: Behavior Therapy, History, Behavior Analysis in Brazil.

Agradecimentos

Aos terapeutas que foram participantes nesta pesquisa, muito obrigada por despendere seu tempo, sua atenção, agradeço enormemente.

Ao meu orientador, professor *Roberto Banaco*, agradeço imensamente. Um modelo de profissional, que me fez não desistir da tarefa árdua de transitar entre a clínica e a academia... Um estímulo constante que aceitou minhas inúmeras trocas de problema de pesquisa, apoiou sempre minhas idéias, assinou embaixo minhas decisões, tudo isso com muito bom humor, doçura, *finesse*... Obrigada pela convivência especial!

À *Diana Laloni*, uma “mãe” em minha profissão. Obrigada pelo apoio incondicional, pelo estímulo a sempre estudar mais e mais, pelo modelo de alguém dinâmica, estudiosa, planejadora de contingências como ninguém! E, obrigada principalmente, pela amizade e carinho com que trata as pessoas que trabalham com você, me sinto privilegiada nisto.

À professora *Maria do Carmo Guedes*, pela honra de convidar-me para ser monitora em História. Esta convivência com sua pessoa encantadora e a área de História me apresentou um mundo de possibilidades, fazendo até mesmo mudar meu problema de pesquisa...

Aos professores do Programa de Psicologia Experimental, em especial a professora Nilza Micheletto, sempre tão acolhedora comigo...

Aos meus professores da Universidade Estadual de Londrina (UEL), que me apresentaram de forma consistente a Análise do Comportamento, em especial à professora Cynthia Borges de Moura. Com ela aprendi a “tomar gosto” pela pesquisa, a trabalhar de forma séria e organizada, a respeitar o cliente...

As amigas inesquecíveis que fiz durante a graduação na UEL: *Flávia, Andreza e Erica*. Mesmo de longe sempre juntas!

Aos professores do Núcleo Paradigma, que me propiciam momentos de muita aprendizagem, sempre com leveza, alegria, amizade... Agradeço às excelentes aulas e supervisões de: Roberta, Yara, Denis, Paola, Cândido e especialmente à Picky, por aprender tanto como sua monitora...

Aos colegas do Programa de Psicologia Experimental: Natalia, Camila, Thati, Dayana, Alexandre, Adriana e tantos outros... E, em especial à *Lygia Dorigon*, amiga querida que por tantas vezes me auxiliou com dúvidas acadêmicas, acolheu minhas angústias, compartilhou risadas, me recebeu em São Paulo... Foi e será sempre muito especial!

Às *amigas de infância (e até hoje) e aos meus tios, tias e primos de Jaboticabal*, minha cidade Natal, são muitos para escrever aqui... São parte da minha história, de quem sou hoje, obrigada, em especial à Cili...

Aos *colegas de profissão e amigos do NAPSI Campinas*, em especial a Mariana e Marcia, companheiras de sala. Agradeço pelo apoio e incentivo durante a pós-graduação, por entender e até mesmo “cobrir” minhas faltas, pela amizade, obrigada!

Às *amigas de Campinas*, em especial *Miriam, Cinthia e Mariana*, pela ajuda nas horas difíceis, pela presença nos momentos alegres de minha vida e por entenderem minha falta em tantos outros momentos...

À *Dinah*, pelo suporte emocional, por ensinar tanto sobre mim, por todo meu crescimento, sou muito grata...

Ao *Rafael*, que chegou a minha vida ao final da pós-graduação, e soube compreender como ninguém tal momento e ainda me ajudar... Agradeço pelo carinho, atenção, paciência, companheirismo, obrigada por ser alguém tão querido...

Ao meu irmão, *Guilherme*, pelas ajudas computacionais e de Inglês, e, mais importante, apoio nas horas de confusão, por ouvir minhas dúvidas, reclamações... É muito bom poder contar com você, obrigada.

Aos *meus pais*, que desejaram muito (muito mesmo) que eu nascesse. Sem dúvida, o motivo de eu estar aqui, de tudo... Obrigada pelo apoio, por entender minhas escolhas sem nunca punir, pelo contrário, dizer que ia conseguir até mesmo quando nem eu acreditava. Agradeço por terem me ensinado o valor do estudo, por terem me ensinado a respeitar as pessoas e a ser humilde. Amo vocês.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Pesquisa História em Análise do Comportamento	1
História da Análise do Comportamento no Brasil	3
Terapia comportamental no Brasil	6
MÉTODO	12
1ª Etapa: Levantamento de nomes dos terapeutas a serem entrevistados via apresentações na ABPMC	12
Inviabilidade do Método inicial	13
2ª Etapa: Novo levantamento de nomes de terapeutas considerados relevantes para a presente pesquisa, coleta e análise de dados obtidos com os mesmos	13
Participantes da 2ª Etapa	13
Procedimento da 2ª Etapa	14
<i>a. Elaboração da lista de nome de profissionais a serem contatos para responder à pesquisa</i>	14
<i>b. Elaboração do “Questionário para levantamento de dados sobre história de terapeutas comportamentais no Brasil”</i>	14
<i>c. Aplicação dos Questionários</i>	14
<i>d. Análise das respostas aos Questionários</i>	15
<i>e. Aplicação e Análise das Entrevistas</i>	15
RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXOS	47
Anexo 1. Questionário para levantamento de dados sobre história de terapeutas comportamentais no Brasil.....	48
Anexo 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	50
Anexo 3. Roteiros de Entrevista Semi-Estruturada.....	51

Anexo 4. Lista completa dos mestres que influenciaram os participantes.....	54
Anexo 5. Lista completa de referências citadas pelos participantes.....	56

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Programas de Mestrado cursados pelos participantes	21
---	----

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Nome do participante, Instituição de Graduação e Ano de Graduação.....	18
Tabela 2. Programas de doutorado realizados pelos participantes.....	21
Tabela 3. Nome do terapeuta e respectivo ano de início da atividade profissional como terapeuta comportamental.....	22
Tabela 4. Local de trabalho atual dos participantes.....	23
Tabela 5. Referências bibliográficas e número de participantes que a citaram.....	24
Tabela 6. Autores e referentes Obras, e Número (N) de participantes que citaram tal referência completa.....	25
Tabela 7. Mestres que influenciaram os participantes e referentes números de participantes que o citou.....	26

Pesquisa Histórica em Análise do Comportamento

De acordo com Andery, Micheletto e Sérgio (2000), a discussão do desenvolvimento histórico e conceitual da Análise do Comportamento tem-se configurado como importante tema de estudo, sendo que muitos analistas do comportamento estão a se ocupar de pesquisas históricas.

As autoras citam inúmeros exemplos de pesquisas históricas na área, indicando uma diversidade de temas de trabalhos. Alguns dos temas de pesquisa citados são: listas bibliográficas de trabalhos publicados em Análise do Comportamento, índices de textos historicamente relevantes; biografias; análises das características de publicações da área; avaliação do desenvolvimento de pesquisas aplicadas; avaliação do desenvolvimento de áreas de pesquisa específicas; análise do desenvolvimento conceitual da abordagem; análises das relações entre o contexto cultural e científico; análise dos antecedentes e das influências filosóficas, científicas e sociais.

Desta forma, é fato que têm sido realizadas pesquisas com temas variados em história da Análise do Comportamento, levando-se a discutir sobre a importância de tais estudos. A importância da pesquisa histórica pode ser entendida a partir da colocação de Morris, Todd, Midgley, Schneider e Johnson (1995), que afirmam que a pesquisa histórica de uma disciplina configura-se como evidência de sua maturidade.

Morris et al. (1995) comentam ainda a diferença entre história e historiografia, apresentando que a história geralmente trata de uma versão cronológica de eventos, algumas vezes com explicações de causa e efeito, e, já a historiografia, vai além disto. Ela inclui: 1) métodos de coleta e organização de materiais históricos por sua autenticidade, integridade, significância; 2) a análise e integração deste material; e 3) avaliação crítica de textos baseados na análise deste material (p. 197).

Para os mesmos autores, o propósito de se fazer historiografia pode ser definido por quatro justificativas. A primeira é 1) auxiliar a resolver dilemas atuais, examinando sua origem e desenvolvimento; 2) ilustrar como uma disciplina pode ter se desviado e o que poderá esperar-se do futuro; 3) descrever como vários fatores culturais, políticos, econômicos, intelectuais, sociais e pessoais podem afetar o desenvolvimento de uma disciplina e como tais fatores influenciam sua metodologia, pressupostos e valores, geralmente desconhecidos por seus praticantes; e, 4) evitar repetir erros do passado.

Ainda sobre a definição do que é fazer história de uma disciplina, Morris et. al (1995) colocam que a história de uma disciplina é a história do comportamento de seus cientistas. Tal definição é lembrada no artigo “Pesquisa histórica em análise do comportamento”, no qual Andery, Micheletto e Sérgio (2000) desenvolvem este ponto.

Para as autoras, como analistas do comportamento, os mesmos devem reconhecer que a história da Análise do Comportamento é parte da história da qual seu comportamento de conhecer é função. Assim, ao conhecer a história da área, provavelmente se estará determinando as variáveis determinantes do próprio comportamento do analista do comportamento.

Outro nível a ser explorado é de que conhecer a história da Análise do Comportamento é conhecer a história do comportamento de conhecer de vários analistas do comportamento. Deste ponto de vista, o comportamento de conhecer dos cientistas analistas do comportamento seria o objeto de estudo e ao se estudar a história dos mesmos estar-se-ia identificando variáveis das quais o comportamento deles é função (Andery, Micheletto & Sérgio, 2000).

Em um terceiro nível de análise, “(...) conhecer a história da Análise do Comportamento é também conhecer a História das práticas da comunidade de analistas do comportamento, de psicólogos, e, talvez de cientistas em geral.” (Andery, Micheletto & Sérgio, 2000, p. 139).

Citando Skinner, as autoras esclarecem o que é o comportamento de conhecer, presente nas afirmações acima. Conhecer é o comportamento de descrever contingências e o produto desse comportamento é o conhecimento científico produzido. O conhecimento científico produzido pode então ser identificado como uma regra elaborada pelo cientista.

Concluindo então, os autores citados enfatizam que conhecer a história da Análise do Comportamento é conhecer a história do comportamento de quem produz tal conhecimento científico. E disso estende-se ainda, portanto, que: “(...) conhecemos a Análise do Comportamento conhecendo sua história” (Andery et al, 2000). Com este intuito, serão descritos a seguir alguns dados relatados pela literatura, de dois temas, dentro da história da Análise do Comportamento, que são de relevância para a presente pesquisa: História da Análise do Comportamento no Brasil e Terapia Comportamental no Brasil.

História da Análise do Comportamento no Brasil

No Brasil, a Análise do Comportamento foi introduzida na década de 1960, com a vinda para o país do professor norte-americano Fred S. Keller (da Universidade de Columbia - EUA) em 1961 (Matos, 1998a) e a criação do Departamento de Psicologia na Universidade de Brasília (UnB) em 1963 (Pessotti, 1988; Rangé & Guilhardi, 1995; Todorov, 2006).

Relata-se que o convite para Keller vir ao Brasil lecionar chegou até o professor através de uma ex-aluna sua na Universidade de Colúmbia, nesse momento na USP, Mirtes Rodrigues do Prado. Keller revela ter ficado lisonjeado com o convite da aluna, porém somente consolidou sua vinda após carta do prof. Dr. Paulo Sawaya, fisiologista, então diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na Universidade de São Paulo (Rangé & Guilhardi, 1995).

Chegando ao Brasil então, o professor dedicou-se a aulas na Universidade de São Paulo (USP), ministrando as disciplinas “Psicologia Comparada e Animal” e “História da Psicologia” (Matos, 1998a). Nesse momento, destaca-se a participação crucial da professora Carolina Martuscelli Bori, professora assistente na USP. Sobre ela, escreveu Matos (1998a):

Desde o princípio Carolina foi a grande benéfica presença intermediando contatos com a administração, conseguindo as condições para a liberação de equipamentos e livros na alfândega, verbas para material de custeio e/ou compra de equipamento, levando os Kellers (Keller e Senhora, D. Frances) pelo Brasil afora para apresentações em congressos, participação breve em cursos, ministração de conferências, participação em debates e, de modo geral, espalhando os princípios e o método da Análise Experimental do Comportamento no Brasil.

Bori recepcionou o novo professor, como visto acima, e indicou para seus assistentes Rodolpho Azzi (que lecionava em São José do Rio Preto – São Paulo) e Maria Amélia Matos, na época aluna do quarto ano de Psicologia (Matos, 1998a).

As aulas foram alocadas no departamento de fisiologia da USP, e a demora a chegar do equipamento pedido por Keller fez com que fossem improvisadas as instalações. O primeiro laboratório de psicologia experimental do Brasil foi desenvolvido então com materiais rústicos, pelo professor Fred Keller, seus assistentes Rodolpho Azzi e Carolina M. Bori e os alunos: Maria Amélia Matos, Dora Fix Ventura,

Mário Guidi, Margarida Windholz, Maria Inês Rocha e Silva, entre outros (Rangé & Guilhardi, 1995; Todorov, 2006).

O trabalho de Keller e seus colaboradores conduziu a vários experimentos. Um deles, sobre atraso de reforço, foi depois publicado no *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* (Azzi, Fix, Keller & Rocha e Silva, 1964 citado por Todorov, 2006). Os primeiros estudantes de Psicologia Experimental também se ocuparam de traduções de livros e artigos, iniciando uma grande colaboração para a Análise do Comportamento no país.

Dando continuidade ao intercâmbio acadêmico Brasil – Estados Unidos, nos anos de 1962 e 1963, o professor John Gilmour Sherman, também vindo da Universidade de Columbia (Estados Unidos da América), substituiu Fred Keller como visitante na USP (Todorov, 2006).

Em 1963, a professora Carolina Martuscelli Bori foi convidada por Darcy Ribeiro, no momento reitor da recém inaugurada Universidade de Brasília (UnB), a criar na mesma o Departamento de Psicologia. A professora convocou os docentes com experiência em Psicologia Experimental, Rodolpho Azzi e John G. Sherman, para planejar os trabalhos no Departamento. No começo do ano de 1963 os três professores visitaram os Estados Unidos da América para conhecer instituições de pesquisa e ensino (em especial laboratórios) e formalizaram o convite ao professor Keller para orientar o projeto de Brasília (Guedes, Cândido, Bellodi, Giolo, Gurgel, Matheus, Miguel & Vieira, 2008).

Então juntos no Brasil, os professores Rodolpho Azzi, Carolina M. Bori, John G. Sherman e Fred Keller planejaram e aplicaram o ensino de Psicologia na UnB. A orientação do ensino era operante e experimental, algo inovador no país. Os professores criaram e executaram uma nova forma de ensino: o Sistema de Ensino Programado Individualizado (PSI) (Micheletto, Guedes, Cesar, Pereira, 2010). Pessotti (1988) aponta que esse “episódio” de Brasília foi decisivo para sólida formação em Psicologia experimental que a UnB mantém e aperfeiçoou até hoje.

A primeira fase da experiência brasileira com ensino da análise do comportamento acabou em 1965. Nesse ano assistiu-se à dissolução do departamento de Psicologia, com a exoneração de professores, devido à pressão da ditadura militar que comandava a nação. Com isso, os profissionais que ali estavam foram para diferentes estados do Brasil, e, ao mesmo tempo, na USP, os discípulos do prof. Keller

continuavam a produção de conhecimento em Psicologia Comportamental (Pessotti, 1988).

O acontecimento político então fez com que os analistas do comportamento migrassem, provocando o que Guedes (2008) denominou “a diáspora de Brasília”. Carolina M. Bori e Rodolpho Azzi retornaram à USP, onde Carolina desenvolveu um programa de Psicologia Experimental com auxílio de Maria Amélia Matos, Dora Fix Ventura, Rachel Kerbauy e Maria Teresa Araújo Silva entre outros (Todorov, 2006).

O professor Isaías Pessotti foi então para a Itália, onde introduziu as idéias de Keller e Skinner. Mais tarde, em 1967, Pessotti se juntaria à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto, atuando principalmente no Departamento de Neuropsiquiatria e Psicologia Médica (Otero, 2006).

Luiz Otávio de Seixas Queiroz foi admitido como professor na Universidade Católica de Campinas (UCC) – São Paulo, em 1966. A UCC iniciara o curso de Psicologia em 1965. Nessa universidade, Luiz Otávio atuou em várias instâncias, inclusive sendo um dos precursores no país da prática em terapia comportamental (como será descrito adiante) (Batista, Ferrari & Laloni, 2005).

Também vinda de Brasília, Rachel Rodrigues Kerbauy, aplicou seu aprendizado de Análise Experimental do Comportamento lecionando na Faculdade *Sedes Sapientiae* (1969), em São Paulo – SP. Ao lado das opções de clínica, escola e organizacional, a professora introduziu a opção “experimental” na formação de psicólogos. Com o aumento da demanda, foi oferecido então treino de modificação do comportamento com cursos teóricos e supervisão (Rangé & Guilhardi, 1995). Nota-se pela literatura que também aí com a professora Rachel nascia o fazer clínico comportamental no Brasil. A seguir, descrever-se-á sobre esse início de história da clínica comportamental no Brasil.

Terapia comportamental no Brasil

Na década de 1960, de criação do curso de Psicologia, tanto na USP, quanto na UnB, nota-se pouca descrição de prática de terapia em análise do comportamento. Nos escritos históricos observa-se que os pesquisadores, professores citados, tinham foco no ensino e pesquisa de experimentação de laboratório. Porém, como visto na descrição histórica sobre análise do comportamento no Brasil, Luiz Otávio de Seixas Queiroz e Rachel Rodrigues Kerbauy, alunos do professor Keller vindos de Brasília, começaram a trabalhar com a aplicação.

Um artigo que faz referência à terapia comportamental nessa data é: “Use of mediators in a behavior modification clinic in Brazil” de Luiz Otávio de Seixas Queiroz e Helio José Guilhardi (1980). O mesmo faz referência à que provavelmente foi a primeira Clínica de modificação do comportamento no país.

Esses autores relatam que o primeiro autor, Luiz Otávio de Seixas Queiroz, ministrou um curso de Modificação do Comportamento para estudantes de graduação na Universidade Católica de Campinas (SP) em 1969.

A partir dos conhecimentos como aluno de Fred Keller, Carolina M. Bori, Rodolpho Azzi e Gilmour Sherman em Brasília, na UnB, Luiz Otávio organizou suas aulas utilizando-se de caixas de Skinner, aplicando o PSI para os alunos que trabalhavam com ratos como sujeitos experimentais na aprendizagem dos princípios operantes. Entre a bibliografia utilizada havia muitos textos ainda não publicados em português, tais como “Ciência e Comportamento Humano” de B. F. Skinner (Batista, Ferrari & Laloni, 2005).

Segundo a literatura, após passar por esse contato com a análise experimental do comportamento, a primeira turma de Psicologia da Universidade Católica de Campinas, chegando ao 5º ano, manifestou interesse em aplicar a análise do comportamento à clínica. O professor Luiz Otávio então, atendendo aos alunos, criou a supervisão de estágio em Modificação do Comportamento, o que o leva a ser considerado um pioneiro na formação do terapeuta comportamental no Brasil (Batista *et al.*, 2005).

Ainda de acordo com Batista, Ferrari e Laloni (2005) o professor Luiz Otávio também inovou ao ser diretor do Instituto de Psicologia da UCC, propondo entre outras mudanças, uma Comissão Paritária, com professores de diferentes áreas e igual número de alunos. Tal Comissão reunia-se semanalmente, porém, não foi reconhecida oficialmente, levando a problemas com a administração superior.

Ao final de 1969 a Universidade Católica de Campinas passou por uma “crise”, que culminou com a saída do professor Luiz Otávio e vários outros do curso de Psicologia. Frente a esse contexto, o professor e mais os alunos Ilka da Veiga Moroni, Ana Teresa de Abreu Ramos, Maria Elisa Cardoso Guimarães, Erb Luís Lente Cruz e Helio José Guilhardi fundaram a “primeira clínica do Brasil cujos princípios para tratamento dos pacientes se basearam na modificação do comportamento” (Queiroz & Guilhardi, 1980, p. 259).

O texto “Tudo se deve às conseqüências...” (Guilhardi, 2003) também faz referência à clínica de modificação do comportamento do prof. Luiz Otávio Queiroz em Campinas – SP. O autor Hélio Guilhardi narra que:

Em 1969 eu e mais quatro colegas do quinto ano do curso de Psicologia da PUCCamp, em conjunto com o professor Luiz Otávio de Seixas Queiroz, criamos em Campinas (SP) a primeira Clínica do Comportamento do país. O mais interessante é que nem pensávamos em trabalhar em clínica no início de nossa carreira profissional. Estávamos todos interessados na carreira acadêmica e na pesquisa em Análise Experimental do Comportamento. Era fácil entender porque ninguém planejava trabalhar na área aplicada. Tudo que nós alunos conhecíamos, então, eram textos fundamentais da análise do comportamento. O livro de F. S. Keller e W. N. Schoenfeld (1950), Princípios de Psicologia, havia sido publicado em português e foi introduzido como nosso texto básico desde o 2º ano.

A passagem faz inferir como a prática da terapia comportamental estava dando “os primeiros passos” no país. Já os princípios básicos, experimentados em laboratório, eram mais difundidos na época, como vistos nos relatos acima dos cursos da USP e UnB.

Ao passo em que em Campinas – SP o professor Luiz Otávio levava os princípios da análise do comportamento para a clínica particular, Rachel Rodrigues Kerbauy iniciava cursos de aplicação em São Paulo, capital.

Como já dito, trabalhando no instituto *Sedes Sapientiae*, Rachel apresentou aos alunos de Psicologia a formação em análise experimental do comportamento. A professora trabalhou com pombos, construindo gaiolas experimentais de papelão e manuais de laboratório (Rangé & Guilhardi, 1995).

Quando a Faculdade *Sedes* juntou-se à Faculdade São os alunos estavam demandando cursos sobre intervenção. A partir dessa demanda então, a professora

Rachel formulou o Curso de Modificação do Comportamento. Convidou para tal o professor norte americano Michael Mahoney (da Universidade da Pensilvânia), que ministrou “curso sobre delinqüentes” e “modificação cognitiva do comportamento”, em 1973 (Rangé & Guilhardi, 1995).

Os mesmos autores referem ainda que outros cursos oferecidos foram de terapia de crianças e de adultos. O curso de criança foi montado referindo-se aos problemas comportamentais mais descritos nos prontuários de atendimentos do *Sedes*. Rachel Kerbauy faz referência às participações de Eliana Audi e Sandra Cury nos grupos de discussão desse curso.

Havia também estágio com atendimento de pacientes e supervisão. Era realizado em grupos de terapeutas: quatro alunos e um profissional atendiam os pacientes. As sessões eram preparadas com antecedência e todos que não estavam atuando diretamente na sessão tinham papel de observadores. Logo após realiza-se a discussão do caso e prepara-se a sessão seguinte: “Era o aprender a fazer clínica comportamental”, disse a professora Rachel Kerbauy (Rangé & Guilhardi, 1995).

Há citação também no mesmo texto sobre curso ministrado sobre autocontrole, no qual cada aluno fazia um programa para si, com observações e registros e linha de base e posteriores modificações.

Outro nome de referência ao falar-se do princípio da terapia comportamental no Brasil é o da professora Thereza Pontual de Lemos Mettel. Seu nome não é encontrado na literatura sobre o plano Brasília – ela não estava entre o grupo de analistas que trabalhou com Fred Keller. Sua trajetória inicial foi distinta nesse aspecto, mas similar por ter auxiliado a pesquisa, ensino e divulgação da Análise do Comportamento no país e, o que é de interesse na presente pesquisa, dedicou-se à terapia comportamental.

Thereza Mettel graduou-se em Letras Clássicas pela PUC - RJ em 1950. Em 1958, através de uma bolsa de estudos da fundação *Fullbright*, especializou-se em Aconselhamento Psicológico na Universidade norte-americana de Wisconsin, realizando mestrado e doutorado. Seu orientador no doutorado (finalizado em 1963) foi Dr. Carl Rogers, fundador da Terapia Centrada na Pessoa e nome de destaque da teoria Humanista. De acordo com seu relato, Carl Rogers a ensinou a fazer uma Psicologia científica, coletando dados e buscando sistematizá-los com rigor de metodologia (Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da UnB, 2007).

Ao finalizar o doutorado, Dra. Thereza volta ao Brasil, iniciando trabalho docente na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No término do ano de 1963, foi convidada a colaborar na criação do curso de Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, SP, àquela época ainda não incorporado à Universidade de São Paulo (USP). Ficou em Ribeirão Preto de até 1965, trabalhando na organização do curso de Psicologia. Nesse mesmo ano é chamada pela professora Carolina Bori, coordenadora do recém inaugurado curso de Psicologia da UnB, para programar um Centro de Atendimento Psicológico a Estudantes na mesma universidade (Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da UnB, 2007).

Ainda de acordo com os mesmos autores, Dra. Thereza Mettel continuou sua formação voltando aos Estados Unidos, na universidade de Wisconsin. Lá trabalhou como terapeuta e supervisionou estágios na área clínica. Entre 1967-1968, fez curso de Especialização com Dr. O. Lovaas, reconhecido expoente da terapia comportamental. Tal treinamento fez com que desenvolvesse habilidades que lhe permitiram formar terapeutas e atuar amplamente na Psicologia Comportamental Aplicada. Segundo os professores do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da UnB (Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da UnB, 2007), Thereza tornou-se “(...) uma *expert* em Terapia Comportamental” (p. 126).

Retornando ao Brasil, em 1968, a professora e terapeuta comportamental, atuou como chefe do Ambulatório de Psicologia Infantil da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. Na mesma universidade foi docente e dedicou-se amplamente ao estudo da Psicologia do Desenvolvimento. De acordo o relato da própria professora, no atendimento a crianças ela aplicava os conhecimentos que recebeu tanto de Carl Rogers quanto da Psicologia Comportamental Aplicada: (...) “tem que ter pesquisa ligada à prática clínica. Isso eu sempre fiz na minha vida” (Branco, Maciel & Silva, 2007, p. 132).

Em 1974, 1975, Thereza Mettel foi professora visitante na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Nesse período atendeu também como terapeuta em consultório particular. Em 1975, a convite do Prof. Dr. João Cláudio Todorov, foi contratada pela UnB, onde ficou até 1994, quando se aposentou. Pela mesma instituição recebeu ainda título de Professora Emérita em 2007.

Grande dedicada a estudos e pesquisas como foi, Thereza realizou ainda dois pós-doutorados. Em 1977 foi para Inglaterra, onde estudou sob orientação do renomado professor de Psicologia do Desenvolvimento, Dr. Kevin Connolly. Já em

1984 estagiou em laboratórios de três universidades norte-americanas: Minnessota (*Institute of Child Development*), Kansas e Wisconsin (Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da UnB, 2007).

Assim, o nome de Thereza Pontual de Lemos Mettel soma-se como destaque no começo da terapia comportamental no Brasil, nas décadas de 1960 e 1970, junto aos também já referidos Rachel Rodrigues Kerbauy e Luiz Otávio de Seixas Queiroz. Porém, como visto nas referências acima sobre tais profissionais, suas trajetórias foram distintas em alguns aspectos: foram para diferentes cidades, atuaram como docentes em várias universidades e formaram terapeutas de acordo com princípios talvez diversos.

Hoje se sabe que a Análise do Comportamento, bem como a terapia comportamental, possui representantes em todo país (Candido, 2009). Os encontros da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC) também indicam essa variedade de origem de analistas do comportamento e, especificamente, de terapeutas analistas do comportamento. Esse atual quadro brasileiro remete à importância do estudo histórico de tal conformação.

Nota-se então, que a pesquisa histórica em análise do comportamento no Brasil e pesquisa histórica relacionada à terapia comportamental no Brasil está em desenvolvimento. Como já dito, o estudo histórico é evidência da maturidade de uma disciplina (Morris, Todd, Midgley, Schneider & Johnson, 1995; Pessotti, 1988), portanto, continuar a lapidar tal história, ou tais histórias, é tarefa de importância para o desenvolvimento da área.

Desta forma, coloca-se como problema de pesquisa qual a história de formação e de desenvolvimento profissional de alguns dos terapeutas comportamentais há mais tempo graduados do Brasil. Se, de acordo com Andery, Micheletto e Sérgio (2000), conhecer a história da análise do comportamento diz respeito a conhecer a história do comportamento de seus cientistas, então, para conhecer a história da terapia comportamental no Brasil, voltar-se-á para a história dos terapeutas comportamentais no país.

Para isso, pesquisou-se a história de profissional de terapeutas comportamentais experientes, que provavelmente estiveram presentes no início do desenvolvimento da Análise do Comportamento no Brasil, por terem de 30 a 40 anos de atuação profissional. Procurou-se descrever suas formações acadêmicas (datas de graduação e pós-graduação, instituições de formação), quem foram seus mestres

formadores (nomes dos mesmos, datas de tal contato, como se deu tal contato), quais as obras literárias que estudaram na época de sua formação, entre outros, descrevendo, com base nos dados coletados, possíveis contingências do início e desenvolvimento posterior, da atuação de alguns terapeutas comportamentais no Brasil, podendo assim contribuir para a maturidade da área.

MÉTODO

1ª Etapa: Levantamento de nomes dos terapeutas a serem entrevistados via apresentações na ABPMC

Fontes da 1ª Etapa:

- Anais dos Encontros da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC) dos últimos quatro anos: 2006, 2007, 2008 e 2009.

Os anais foram obtidos consultando-se o site da ABPMC, no seguinte endereço eletrônico: <http://www.abpmc.org.br/anais.htm>. Em tais anais está descrita a programação de cada Encontro: título das apresentações, modalidade, autor, resumo e data.

- Memorial de Concursos

Memoriais tratam-se de documentos nos quais o autor, que irá submeter-se a concurso, deve descrever sua carreira acadêmica e profissional, tomadas de decisões, convites, participações em geral que comprovem suas qualificações para o cargo pretendido.

Procedimento da 1ª Etapa:

Para elaboração de uma lista com os nomes dos profissionais envolvidos com a terapia comportamental no Brasil consultou-se os anais dos encontros da ABPMC dos últimos quatro anos (2009, 2008, 2007 e 2006). Nos anais foram selecionados os nomes dos profissionais que ministraram CURSOS e PALESTRAS que contivessem no título as palavras ou expressões listadas a seguir: Cliente (s), Clínica (s), Clínico (s), Psicoterapia (s), Terapia (s), Terapeuta (s), Terapêutica (s), Terapêutico (s).

Decidiu-se pela pesquisa nos anais da ABPMC por se tratar da maior associação da área de Psicologia Comportamental no Brasil, que realiza anualmente encontros de nível nacional. A opção por selecionar os nomes dos profissionais dentre os autores de CURSOS e PALESTRAS ocorreu por se tratarem geralmente de profissionais seniores da área, que são convidados pelos organizadores do evento, importantes no contexto deste trabalho.

Inviabilidade do Método inicial:

O levantamento dos nomes dos profissionais a serem pesquisados via apresentações da ABPMC mostrou-se uma metodologia contestável para alcançar os objetivos da presente pesquisa, já que pessoas mais experientes (maior tempo de carreira clínica) não foram mencionadas na lista.

Além disso, alguns nomes constantes na lista elaborada foram consultados e informaram que não possuíam Memorial de concurso ou não o conseguiam localizar. O mesmo ocorreu ao consultar a secretaria de uma instituição, buscando Memoriais: a instituição informou não possuí-los.

Em vista desta inviabilidade do Método proposto inicialmente, foi preciso elaborar: 1) Nova lista de profissionais que incluísse terapeutas experientes; 2) Outra maneira de coletar os dados necessários para se alcançar os objetivos, já que os Memoriais não foram acessíveis.

2ª Etapa: Novo levantamento de nomes de terapeutas considerados relevantes para a presente pesquisa, coleta e análise de dados obtidos com os mesmos.

Participantes da 2ª Etapa:

Treze terapeutas responderam ao “Questionário para levantamento de dados sobre história de terapeutas comportamentais no Brasil”, especialmente elaborado para a presente pesquisa (será descrito em “Procedimento da 2ª Fase”). Foram enviados questionários para vinte profissionais, porém, somente treze responderam. São eles, em ordem alfabética: Alice Maria C. Delitti (Maly Delitti), Diana Tosello Lalon, Hélio José Guilhardi, Fátima Cristina de Souza Conte, Maria Luisa Guedes, Miriam Marinotti, Jaíde Aparecida Gomes Regra, Regina Christina Wielenska, Roberto Alves Banaco, Sonia Beatriz Meyer, Vera Regina Lignelli Otero, Yara Kuperstein Ingberman.

Três destes terapeutas, Rachel Rodrigues Kerbauy, Hélio José Guilhardi e Alice Maria C. Delitti foram participantes também em “Entrevistas Gravadas” pessoalmente pela pesquisadora. O critério para escolha destes três participantes será descrito a seguir em “Procedimento da 2ª Etapa”.

Procedimento da 2ª Etapa:

a) Elaboração da lista de nomes de profissionais a serem contatados para responder à pesquisa:

Perguntou-se, através de entrevistas informais, a profissionais analistas do comportamento, com 30 a 40 anos de formados, nomes de terapeutas comportamentais também formados há 30, 40 anos. Levantou-se uma lista com vários nomes e os vinte mais votados foram selecionados. Os nomes levantados também seriam representativos de profissionais de projeção, já que foram lembrados nomes de pessoas que têm apresentado trabalhos em congressos, ministrado cursos, realizado publicações etc.. O pressuposto da autora era de que um grupo de terapeutas comportamentais com vários anos de experiência profissional poderia fornecer dados sobre o desenvolvimento inicial da atuação dos terapeutas comportamentais no Brasil.

b) Elaboração do “Questionário para levantamento de dados sobre história de terapeutas comportamentais no Brasil”.

Baseado no Questionário elaborado por Luna (1983, p. 53), formulou-se dois tipos de questões: 1) questões que forneceriam dados de identificação dos profissionais (exemplo; nome, idade, informações acadêmicas etc.) e 2) questões que visavam respostas diretamente relacionadas ao problema de pesquisa (tais como: “Quais terapeutas ou supervisores ou professores considera terem sido importantes para sua formação como terapeuta comportamental? Onde ocorreu o contato com tais pessoas? Quando?”). A cópia do questionário encontra-se no Anexo 1.

c) Aplicação dos Questionários.

Os questionários foram enviados pela pesquisadora a vinte profissionais terapeutas comportamentais selecionados pelos critérios acima descritos em sua maioria via correio eletrônico, e por essa mesma via foram devolvidos pelos participantes. O mesmo ocorreu com o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (encontrado no Anexo 2) para participação na pesquisa e divulgação dos dados obtidos. Alguns profissionais preferiram receber e devolver o “Questionário” e o “Termo de Consentimento” em mãos. Foi necessário contato telefônico com vários profissionais, fornecendo maiores esclarecimentos sobre a pesquisa e reafirmando a função da mesma.

d) Análise das respostas aos Questionários.

As respostas às questões permitiram dar origem a descrição de parte da história de formação e vida profissional dos participantes: Onde se graduaram? Quais pós-graduações realizaram? Quais referências utilizaram? Quem foram seus mestres? Tais informações foram cruzadas com dados históricos sobre o início da análise do comportamento no Brasil, já descritos pela literatura, permitindo relacionar tais dados, o que pode ser verificado na sessão Resultados e Discussão.

Entretanto, observou-se em algumas entrevistas que não foi possível obter respostas descritivas suficientes para que se pudessem alcançar os objetivos propostos. Provavelmente tenha ocorrido uma falha metodológica no que diz respeito a não colocar no questionário uma indicação clara de que seriam necessárias respostas em forma de narrativas, mais descritivas. Desta forma, optou-se por aprofundar algumas questões, realizando entrevistas gravadas pessoalmente com terapeutas.

Observando-se as respostas dos participantes à questão sete, conseguiu-se observar quais foram os nomes mais citados pelos participantes, como sendo os profissionais considerados importantes para a formação dos mesmos como terapeutas comportamentais. Cinco deles foram os mais citados, sendo que dois deles já haviam falecido. Optou-se então por entrevistar pessoalmente os outros três profissionais, aprofundando questões que não ficaram claras através do questionário.

e) Aplicação e Análise das Entrevistas

Foi elaborado um roteiro de entrevista semi-estruturado, similar para cada um dos três participantes desta etapa. Cada roteiro continha três perguntas elaboradas a partir das respostas ao Questionário. Tais roteiros encontram-se no Anexo 3.

Na primeira questão era requisitado que o participante aprofundasse a resposta dada à questão sete do Questionário. Tal aprofundamento foi necessário pois notou-se que as respostas dadas a esta questão eram insuficientes em termos de dados a serem coletados. Desta forma, a primeira pergunta do Roteiro de Entrevista foi a seguinte: “Gostaria que você descrevesse, por favor, como se deram os contatos com os profissionais que você referiu em resposta à questão sete do Questionário: *Quais terapeutas ou supervisores ou professores considera terem sido importantes para sua*

formação como terapeuta comportamental? Onde ocorreu o contato com tais pessoas? Quando?”.

A segunda questão do Roteiro de Entrevista foi também elaborada a partir de análise das respostas de todos os treze participantes à questão sete. Tal questão do Roteiro era: “O seu nome foi bastante citado pelos participantes da pesquisa quando perguntados: *Quais terapeutas ou supervisores ou professores considera terem sido importantes para sua formação como terapeuta comportamental?* Como acha que isto se deu? Quais contingências acredita terem propiciado tornar-se mestre formador para outros profissionais?”. O objetivo de tal pergunta era levantar possíveis dados de contexto que justificassem o fato do nome do participante entrevistado ter sido tão citado por outros participantes.

A terceira questão do Roteiro de Entrevista perguntava se o participante gostaria de acrescentar algum dado: “Gostaria de comentar algum outro fato que não foi perguntado?”.

As entrevistas foram agendadas pessoalmente e gravadas em aparelho eletrônico pela pesquisadora. Durante as gravações, em alguns momentos, a pesquisadora acrescentou questões formuladas a partir de dúvidas da mesma sobre o que foi dito, ou pedidos para frisar datas, checar nomes e outros. Os participantes assinaram Termo de Consentimento também para esta etapa da coleta de dados.

As entrevistas foram então transcritas e as informações que respondiam ao problema de pesquisa foram retiradas das transcrições e relacionadas, quando possível, às respostas de outros participantes e à literatura já existente, conforme se pode verificar na sessão Resultados e Discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O “Questionário para levantamento de dados sobre história de terapeutas comportamentais no Brasil” foi enviado para 20 terapeutas comportamentais, considerados experientes. Foram obtidas respostas de 13 participantes. Dentre os 13 terapeutas que responderam ao Questionário, 3 foram também entrevistados pessoalmente, procedimento chamado “Entrevistas Gravadas”, utilizando-se o “Roteiro de entrevista semi-estruturado”.

A descrição dos Resultados tenderá a comentar em ordem as respostas às questões do “Questionário para levantamento de dados sobre história de terapeutas comportamentais no Brasil”. Porém, em vários momentos dados de duas ou mais questões serão inter-relacionados, não obedecendo a presente Discussão, necessariamente, à ordem cronológica do que foi perguntado.

Os dados obtidos através das “Entrevistas Gravadas” tenderão a ser discutidos em ordem de apresentação nas gravações, porém, pode ocorrer de dados das “Entrevistas Gravadas” serem mencionados junto à discussão dos dados dos “Questionários” por apresentarem informações relacionadas.

As informações retiradas das respostas a primeira questão (subitem 1) do Questionário - Informações sobre a Graduação em Psicologia: Instituição, Cidade, Estado e Ano de Conclusão - deram origem à Tabela 1.

Em relação ao ano de graduação de tais profissionais observou-se que se graduaram em Psicologia de 1969 a 1981. Apenas uma terapeuta, Rachel Rodrigues Kerbauy, obteve sua graduação em 1955, porém em Pedagogia, já que, na época, explica ela mesma, respondendo ao Questionário:

“ (...) não existia o curso de Psicologia. Foi criado enquanto eu estudava, mas Pedagogia valia como Psicologia até uma data que não lembro*. Quem fez doutorado também podia se registrar como psicóloga até certa data, por um prazo determinado pelos fundadores dos cursos de Psicologia”. (* A profissão de psicólogo foi regulamentada em 1962 - Lei N. 4.119).

Tabela 1. Nome do participante, Instituição de Graduação e Ano de Graduação.

Nome	Instituição Graduação	Ano Graduação
Rachel Rodrigues Kerbauy	F.F.C.L. “Sedes Sapientiae” (Pedagogia)	1955
Diana Tosello Laloni	PUC Campinas-SP (Psicologia)	1969
Hélio José Guilhardi	PUC Campinas-SP (Psicologia)	1969
Jaíde Aparecida Gomes Regra	PUC Campinas-SP (Psicologia)	1969
Vera Regina Lignelli Otero	F. F. C. L. de Ribeirão Preto – USP (Psicologia)	1971
Alice Maria C. Delitti	F.F.C.L. “Sedes Sapientiae” (Psicologia)	1973
Maria Luisa Guedes	PUC São Paulo-SP (Psicologia)	1973
Sonia Beatriz Meyer	PUC São Paulo-SP (Psicologia)	1974
Yara Kuperstein Ingberman	PUC Curitiba-PR (Psicologia)	1974
Miriam Marinotti	PUC São Paulo-SP (Psicologia)	1978
Fátima Cristina de Souza Conte	Cesulon-Londrina-PR (Psicologia)	1979
Regina Christina Wielenska	PUC São Paulo-SP (Psicologia)	1981
Roberto Alves Banaco	PUC São Paulo-SP (Psicologia)	1981

Em relação às Instituições de Graduação, nota-se, ainda de acordo com a Tabela 1, que os terapeutas comportamentais experientes pesquisados graduaram-se em: cinco deles na PUC São Paulo – SP (PUCSP), três deles na PUC Campinas – SP (PUCCampinas), dois deles na F.F.C.L. “Sedes Sapientiae” (“Sedes”), um deles na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP (F. F. C. L. Ribeirão Preto), um no Cesulon/Londrina – PR e um na PUC – Curitiba /PR. Tais dados podem ser discutidos frente ao fato de que prováveis precursores da terapia comportamental no Brasil estiveram em atuação em pelo menos quatro das seis instituições, que são: PUC São Paulo - SP, PUC Campinas – SP, F.F.C.L. “Sedes Sapientiae” e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, como descrito na Introdução.

Uma precursora, a professora e terapeuta Rachel R. Kerbauy, após sua graduação no Instituto *Sedes Sapientiae*, ministrou cursos de análise experimental do comportamento, na mesma Instituição, utilizando metodologias que havia aprendido com o Professor Fred Keller e grupo de analistas do comportamento em Brasília, na

UnB (Rangé & Guilhardi, 1995). Também no *Sedes* iniciou estudos, atendimentos e supervisão envolvendo a terapia comportamental. Mais tarde, a FFCL *Sedes* uniu-se à FFCL São Bento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. Neste momento, segundo informações dadas à “Entrevista Gravada”, Rachel manteve-se na PUCSP até sua última turma de alunos se graduar em Psicologia, pedindo demissão após isto (por volta 1975). Passa então a estar vinculada somente à Universidade de São Paulo (USP), por lá permanecendo até por volta de 2005, também segundo relato dela própria.

Pode-se notar na “Entrevista gravada” com Hélio José Guilhardi que o mesmo começou a ministrar aulas na PUCSP em março de 1970. Isto equivale a dizer que vários dos participantes provavelmente foram seus alunos. Nesta amostra os participantes que citam Hélio como importante mestre em suas formações como terapeutas e que se formaram na PUCSP são: Roberto Banaco, Maria Luiza Guedes, Sonia Meyer e Miriam Marinotti.

O professor Hélio narrou (na “Entrevista Gravada”) que foi convidado a dar aula na PUCSP pela Professora Maria do Carmo Guedes. Segundo ele, a professora Maria do Carmo o chamou pois os alunos dela da PUCSP estavam requisitando estudar algo sobre atuação em terapia comportamental e, até então, não havia quem lecionasse tal disciplina no curso de Psicologia. O professor ressalta que neste momento o termo utilizado era “modificação de comportamento”, portanto, suas aulas na PUCSP eram nomeadas “Introdução à Modificação de Comportamento” – um curso oferecido em formato optativo. Hélio Guilhardi manteve-se como docente da PUCSP por pelo menos vinte anos, lecionando terapia comportamental até a década de 1990, segundo informações dele próprio à presente pesquisa.

Outro nome vinculado à instituição PUCSP é o de Alice Maria Delitti (Maly Delitti). Na “Entrevista gravada” Maly referiu que iniciou aulas na PUCSP em 1974 e até o presente momento atua como professora e supervisora em terapia comportamental. Juntamente com Hélio Guilhardi, Maly Delitti indicou ter executado um importante trabalho em tal universidade, durante mais de trinta anos.

Já na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCampinas), onde se formaram três dos entrevistados, sabe-se que esteve presente, atuando como professor, durante a formação de tais terapeutas, o professor Luiz Otávio de Seixas Queiroz. O professor ministrou aulas de Análise Experimental do Comportamento e criou a supervisão de estágio em Modificação do Comportamento (Batista, Ferrari &

Laloni, 2005). Pode-se cruzar este dado com resposta a outra pergunta do Questionário, a questão sete, em que se perguntou quem o participante considera ter sido importante para sua formação como terapeuta comportamental. Os três participantes graduados na PUCCampinas – Diana T. Laloni, Hélio J. Guilhardi e Jaíde Regra – citaram Luiz Otávio como tendo sido importante para sua formação.

Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP esteve presente Thereza Pontual de Lemos Mettel, onde se graduou Vera Regina L. Otero em 1971. A professora e terapeuta comportamental Thereza Mettel atuou em tal Faculdade como chefe do Ambulatório de Psicologia Infantil. Na mesma instituição foi docente e dedicou-se amplamente ao estudo da Psicologia do Desenvolvimento, realizando atendimento a crianças (Branco, Maciel & Silva, 2007).

Resta comentar sobre as instituições de graduação de duas participantes, Fátima Conte, que se graduou no Cesulon, em Londrina – PR e Yara Ingberman, que se formou na PUC-PR. De acordo com a literatura explorada na Introdução, não se nota citação a nenhum precursor da terapia comportamental que tenha atuado como docente em tais instituições. É possível verificar, através de respostas a outras questões, que tais profissionais tiveram contatos com profissionais de formas distintas, que serão descritas a frente, na discussão das respostas à questão sete.

Em relação à Questão número II: “Informações sobre Pós-Graduação, *lato e stricto sensu*” (subitens 2 e 3), observou-se que quase a totalidade dos terapeutas realizou pós-graduação *stricto sensu*, sendo que 12 dos 13 concluíram Mestrado e 10 dos 13 concluíram Doutorado e apenas dois deles realização pós-graduação *lato sensu*. Tal fato pode ser discutido tendo em vista o fator de que nos anos de 1970, 1980 não existiam pós-graduações específicas em Terapia Comportamental no Brasil.

Já na Universidade de São Paulo (USP) começou a ser oferecido em 1970 o curso de pós-graduação em nível de Mestrado em Psicologia Experimental (fonte: <http://www.ip.usp.br/portal>). Como pode ser observado na Figura 1 seis dos participantes da pesquisa realizaram tal pós-graduação. Também é importante comentar que tais terapeutas, hoje considerados experientes e atuantes, tiveram formação acadêmica em Psicologia Experimental, o que confere a eles uma provável sólida formação em análise do comportamento e na filosofia que embasa tal ciência, o behaviorismo radical.

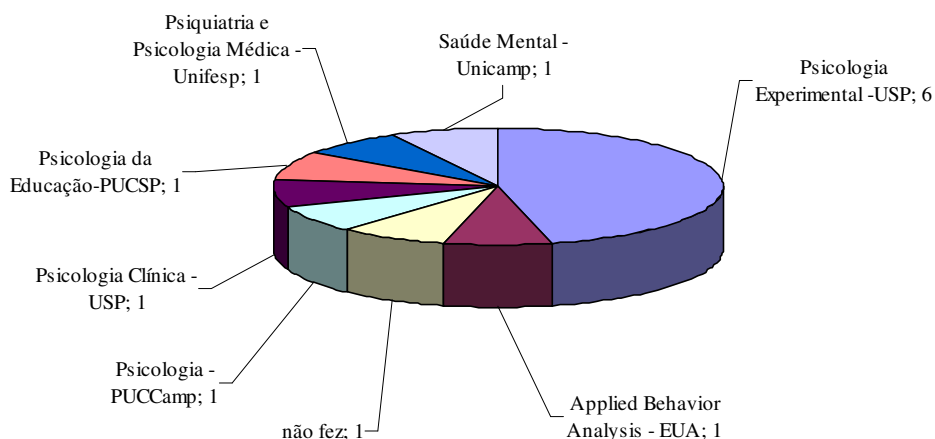


Figura 1. Programas de Mestrado cursados pelos participantes (N=13)

Em relação ao Doutorado, também se notou uma preferência dos participantes em realizar o curso no Programa de Psicologia Experimental da USP. Sete deles o fizeram, como indicado pela Tabela 2:

Tabela 2. Programas de doutorado realizados pelos participantes

Programa de Doutorado	N
Psicologia Experimental – USP	7
Não fez	2
Psicologia Clínica – USP	2
Psicologia da Educação – PUCSP	1
Psicologia: Ciência e Profissão – PUCCamp	1
Total	13

Outro dado de contexto a se discutir sobre isto é que a Universidade de São Paulo possuiu um histórico importante de vínculo com a Análise do Comportamento. Como já referido, em 1961, a instituição recebeu o professor norte-americano Fred Keller, para ministrar Psicologia Experimental (Rangé & Guilhardi, 1995). O professor teve como intermediadora a Professora Carolina Bori e como assistentes Rodolpho Azzi e Maria Amália Matos (Matos, 1998a). Carolina Bori é também quem mais tarde, em 1970, juntamente com o Professor Walter Hugo Cunha,

idealizou e implantou o curso de pós-graduação em Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP. (Matos, 1998b).

Alguns dos entrevistados citam os professores mencionados (Carolina Bori, Maria Amélia Matos e Rodolpho Azzi) como de importância para sua formação como terapeutas comportamentais (em resposta à questão sete do “Questionário”). Rachel Kerbauy cita Rodolpho Azzi, Hélio Guilhardi refere-se a Maria Amélia Matos, Maly Delitti cita Maria Amélia Matos e Carolina Bori e Jaíde Regra também se refere às duas últimas.

A questão número III do “Questionário” procurou levantar dados sobre a atividade de terapeuta comportamental do participante. O primeiro ponto a ser abordado pela questão III (subitem 4) dizia respeito ao ano em que o participante iniciou sua atividade profissional como terapeuta comportamental. Os dados podem ser observados na Tabela 3.

Tabela 3. Nome do terapeuta e respectivo ano de início da atividade profissional como terapeuta comportamental.

Nome	Ano Início Trabalho
Hélio José Guilhardi	1969
Diana Tosello Laloni	1970
Jaíde Aparecida Gomes Regra	1970
Rachel Rodrigues Kerbauy	1971
Vera Regina Lignelli Otero	1973
Sonia Beatriz Meyer	1974
Yara Kuperstein Ingberman	1975
Maria Luisa Guedes	1976
Alice Maria C. Delitti	1978
Fátima Cristina de Souza Conte	1979
Miriam Marinotti	1979
Regina Christina Wielenska	1982
Roberto Alves Banaco	1982

Como já mencionado, procurou-se entrevistar terapeutas experientes, que estivessem em atuação em média há trinta, quarenta anos. A Tabela 3 confirma tal dado

sobre o perfil dos participantes, notando-se que o ano de início da atuação dos mesmos refere-se em geral à década de 1970, precisamente de 1969 a 1982.

Em relação ao local de trabalho atual de tais terapeutas, questionado também na pergunta número III (subitem 5), observou-se, conforme Tabela 4, que todos trabalham em consultório particular (os treze participantes). Alguns participantes mencionaram o nome do consultório particular e cidade, que foram: Diana T. Laloni – Centro de Psicologia e Fonoaudiologia, Fátima C. Conte – PsicC Londrina - PR (Instituto de Psicoterapia e Análise do Comportamento) Hélio J. Guilhardi – ITCR – Campinas, Maly Delitti – CeaC – São Paulo, Roberto Banaco – Núcleo Paradigma – São Paulo, Vera L. Otero – Ortec – Ribeirão Preto – SP e Yara Ingberman - Instituto de Estudo e Psicoterapia Analítico Comportamental (IEPAC) – Curitiba PR.

Somente dois atuam também em Clínica/Instituição Privada, além do Consultório Particular, que são Maly Delitti (a Instituição Privada é PUCSP) e Diana Laloni (a Clínica Privada é NAPSI Campinas, Campinas - SP). Por fim, a terapeuta Diana Laloni mencionou no “Questionário” que atua em um terceiro local, classificado em “Outros”, que é o Hospital e Maternidade Celso Pierro – em Campinas – SP.

Pode-se verificar também que atualmente os terapeutas desta mostra trabalham em consultório nas cidades de: São Paulo (oito deles), Campinas (dois deles), Ribeirão Preto (um), Londrina (um) e Curitiba (um).

Tabela 4. Local de trabalho atual dos participantes

Local de trabalho atual	N
Somente Consultório Particular	9
Consultório Particular e Clínica/Instituição Privada	2
Consultório Particular e Instituição Pública	1
Consultório Particular, Clínica/Instituição Privada e Outros	1
Total	13

O subitem 5 da questão III pedia que o participante elencasse referências bibliográficas que considera que tenham sido importantes para o início de sua atuação como terapeuta comportamental. Ocorreu uma dificuldade para análise de tal questão, pois alguns participantes colocaram referências completas (autor, ano e obra) e outros apresentaram somente o autor. Primeiro será analisado o que foi comum a todos: o autor.

Nota-se pela Tabela 5 a pluralidade de referências citadas. Onze dos treze participantes citaram B. F. Skinner, o que se poderia esperar, por se tratarem os participantes de terapeutas comportamentais. Porém, tal constatação leva à hipótese de que apesar das outras referências serem muito distintas entre si, a base de referencial teórico da análise do comportamento é conhecida pela maioria dos terapeutas comportamentais desta amostra, ou pelo menos foi, no início de sua atuação.

Tabela 5. Referências bibliográficas e número de participantes que a citaram

Referência	N de participantes que citaram tal referência
Skinner, B. F.	11
JABA – Journal of Applied Behavior Analysis	5
Keller, F.S.; Schoenfeld, W.N.	5
Bandura, A.	4
Bijou, S. W. & Baer, D. M.	4
Ferster, C.B.	3
JEAB – Journal of Experimental Behavior Analysis	3
Lazarus, A.	3
Millenson, J. R.	3
Rimm, David C. & Masters, John C..	3
Sidman, M.	3
Ulmann, L. P. & Krasner, L.	3
Beck, Aaron.	2
Davison, Gerald & Goldfried, Marvin.	2
Fester, C. B., Culbertson, S., & Boren, M. C.	2
Staats & Staats	2
Wolpe, J.	2
Yates	2

Em segundo lugar, as referências mais citadas foram: a revista norte americana *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA) e Keller, F.S. e Schoenfeld, W.N., citados por cinco participantes. Bandura, A. e Bijou, S. W. & Baer, D. M. foram citados por quatro terapeutas da amostra. Outros autores foram citados por 3 ou 2

peessoas que responderam ao “Questionário”, indicados na tabela. A lista completa, que inclui os autores citados apenas uma vez, pode ser conferida no Anexo 5.

A Tabela 6 apresenta as referências que foram citadas integralmente. Isto ocorreu com sete dos treze participantes.

Tabela 6. Autores e referentes Obras, e Número (N) de participantes que citaram tal referência completa.

Autor	Obra	N
Keller, F.S.; Schoenfeld, W.N.	Principles of Psychology: a systematic text in the science of behavior. New York, Appleton-Century-Crofts, 1950. Traduzido por Rodolpho Azzi e Carolina M. Bori sob o título Princípios de Psicologia, publicado pela EPU em 1966.	4
Skinner, B. F.	(1953/ 1970) Ciência e comportamento humano. Brasília: Ed. UnB/ FUNBEC	4
Bandura, A.	(1969). Principles of behavior modification. Holt, Rinehart and Winston, Inc.	3
Bijou, S. W. & Baer, D. M.	(1969). Psicologia del desarrollo infantil. Teoria empírica y sistemática de la conducta. México: Editorial F. Trillas.	3
Rimm, David C. & Masters, John C..	(1974) Behavior Therapy Techniques and Empirical Findings. New York: Academic Press.	3
Skinner, B. F.	(1974). About Behaviorism.	3
Lazarus, A.	Behavior therapy and beyond, 1971.	2
Staats, A. W.	(1971). Child Learning, Intelligence and Personality: Principles of a Behavior Interaction Approach. Harper & Row Publishers	2
Ulmann, L. P. & Krasner, L.	(1969). A Psychological Approach to Abnormal Behavior. Prentice-Hall, Inc. Englewood Cliffs, New Jersey.	2
Yates	Manual de Terapia Comportamental, México, Trillas, 1973	2

Observa-se então que para os terapeutas que escreveram referências completas, a obra “Princípios de Psicologia” de Keller, F.S.; Schoenfeld, W.N. foi a mais citada, juntamente com “Ciência e Comportamento Humano” de B. F. Skinner. Foram citados por três dos sete participantes: “Principles of behavior modification” de Bandura, “Psicologia del desarrollo infantil. Teoria empírica y sistemática de la conducta”, de Bijou, S. W. e Baer, D. M.; e “Behavior Therapy Techniques and Empirical Findings” dos autores Rimm, David C. e Masters, John C.. Outras referências completadas citadas duas vezes podem ser verificadas na Tabela 6.

A questão 7 foi composta por três perguntas, já citadas anteriormente: “Quais terapeutas ou supervisores ou professores considera terem sido importantes para

sua formação como terapeuta comportamental? Onde ocorreu o contato com tais pessoas? Quando?”. As respostas à primeira indagação puderam fornecer dados para a construção da Tabela 7. Optou-se por chamar de “Mestres” as personalidades citadas, nomenclatura que na presente pesquisa abarca as termos “terapeutas, supervisores e professores”.

Tabela 7. Mestres que influenciaram os participantes e referentes números de participantes que os citaram.

Mestres que influenciaram	Número de participantes que o referiram como importante formador
Maly Delitti	6
Hélio Guilhardi	6
Luiz Otávio de Seixas Queiroz	4
Maria Amélia Matos	4
Rachel Kerbauy	4
Anita Liberalesso Neri	2
Carolina M. Bori	2
Eliana Regina Audi Silvério	2
Jaíde Regra	2
M. Martha Ubner	2
Marilda Novaes Lipp	2
Maura Gongora	2
Roberto Banaco	2
Sandra Cury	2
Silvio Botomé	2
Sonia Meyer	2
Teresa Araujo	2
Thereza Pontual de Lemos Mettel	2

Na Tabela 7 estão indicados os nomes dos “mestres” e o referente número de participantes que o citou. Escolheu-se apresentar na Tabela nomes que foram citados a partir de duas vezes, indicando alguma regularidade e excluindo casos específicos. Dois foram os nomes que se repetiram seis vezes: Hélio Guilhardi e Maly Delitti e três nomes apareceram quatro vezes nas respostas: Luiz Otávio de Seixas Queiroz, Maria Amélia Matos e Rachel Kerbauy. Outros doze nomes foram repetidos por no máximo duas vezes e quarenta e dois nomes foram repetidos apenas uma vez – as citações completas podem ser verificadas no Anexo 5.

A segunda parte da questão 7, “Como ocorreu o contato e onde”, tinha como objetivo fazer com que o participante descrevesse comportamentos, mas, imagina-

se que isto não tenha ficado claro na redação do “Questionário”, dado que nem todas respostas recebidas foram descritivas. Alguns participantes somente fizeram citações em tópicos, já outros narraram acontecimentos. Serão comentadas a seguir, por ordem crescente de ano de graduação, as respostas a esta pergunta de dez dos treze participantes, que são os participantes que responderam somente ao “Questionário”. Os resultados pertinentes aos dados coletados com os três participantes que também responderam à “Entrevista gravada” serão apresentados mais adiante.

Diana Tosello Laloní, graduada em 1969 pela PUCCampinas, apresentou como influentes os mestres: Luiz Otávio de Seixas Queiroz, Jefferson M. Fish, Anita Liberalesso Neri, Maly Delliti e Marilda Novaes Lipp. De acordo com seu relato, o contato com o professor Luiz Otávio ocorreu quando o mesmo foi seu professor de Psicologia Experimental I, II, III e supervisor de estágio em Terapia do Comportamento, no Curso de Psicologia da PUC Campinas nos anos de 1966, 1967, 1968 e 1969. Ela também menciona que ele foi seu supervisor de Terapia Comportamental de 1970 até 1980.

Jefferson M. Fish teve influência na formação de Diana Laloní, segundo observações dela mesma, ao lecionar: Modificação do Comportamento I, em 1974 e Modificação do Comportamento II e III em 1975, ambas as disciplinas na Pós-Graduação em nível de Mestrado na PUCCampinas. Também neste programa, já em 1977, Anita Liberalesso Neri foi professora de Laloní na cadeira Tecnologia do Ensino; Maly Delitti em Terapia Comportamental em Grupo (1979) e Marilda Novaes Lipp em Terapia Comportamental para Deficientes Mentais (1980).

Jaíde Regra elencou como importantes para sua formação como terapeuta comportamental: Professor Luiz Otávio Seixas Queiroz, Professora Maria Amélia Matos e Professora Carolina Bori. Luiz Otávio foi professor de Análise Experimental do Comportamento e supervisor de Jaíde, de 1965 até 1970 na Universidade de Campinas e em sua clínica particular – mesma época e instituição referida por Diana Laloní, e como se verá a frente, Hélio Guilhardi também fez referências parecidas à influência de Luiz Otávio na PUCCampinas.

Maria Amélia Matos foi citada por Jaíde Regra como contato importante durante no curso de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, de 1969 a 1973. Carolina Bori foi professora de Jaíde durante a Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, nos anos de 1969 até 1973.

A resposta de Vera L. Otero revela que a mesma considerou como importantes em sua formação como terapeuta comportamental quatro pessoas. O primeiro tratou-se do Prof. Luiz Marcelino de Oliveira, que ela relatou ser seu professor de Análise Experimental do Comportamento no primeiro ano e depois se tornou monitora do prof. Luiz Marcelino do segundo ao quinto ano da graduação na Universidade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto (1968 a 1971).

O segundo mestre a ser citado por Vera Otero foi o prof. Isaías Pessotti. Vera respondeu ter feito curso ministrado por ele, de metodologia científica, quando estava no segundo ano da graduação. Depois disse ter ido trabalhar com ele ajudando na coleta de dados de pesquisas básicas e como orientanda de monografia de conclusão de curso. Vera conclui dizendo que a experiência com pesquisa básica que teve junto a Luiz Marcelino e Isaías Pessotti foi fundamental para sua escolha de ser uma analista clínica do comportamento. Revelou que a pesquisa básica: “(...) ensinou ‘a olhar’ os dados clínicos trazidos pelos clientes de uma maneira ‘científica’, assim como criou em mim uma necessidade de ‘saber’ porque faço as intervenções que faço, porque as escolho.”

Sobre o contato com Dra. Thereza Pontual de Lemos Mettel, Vera Otero escreveu que foi sua estagiária do 3º ao 5º ano, no curso de graduação, no Departamento de Psicologia Médica da FMUSP - Ribeirão Preto. Nas palavras de Otero:

“(...) A principal exigência dela para selecionar estagiários era que tivessem experiência em pesquisa básica. Fiz, no total, 600 horas de estágio só com ela, inicialmente observando, fazendo registros escritos (espelho unidirecional) e transcrevendo as sessões das fitas dos gravadores (literalmente) e as ‘encaixando’ nos registros. Posteriormente as transcrições eram analisadas e discutidas semanalmente nas supervisões juntamente com as discussões de textos de pesquisa básica ou clínicos. A partir do 4º ano comecei a entrar em sessões de atendimento, juntamente com a Dra. Thereza, com outros estagiários fazendo os registros acima descritos e novamente supervisão. Gradativamente foi aumentando número de casos que eu atendia e no 5º ano iniciei o atendimento ‘sozinha’, sem a presença da Dra. Thereza, com os mesmos procedimentos de registro e discussão posteriores (os fatos mencionados ocorreram de 1969 a 1971)”.

Vera ainda estagiou por mais três anos com Thereza Mettel no Hospital das clínicas em Ribeirão Preto – SP e na mesma cidade, teve supervisões com ela na “(...) 1ª clínica só de psicólogos de Ribeirão Preto: Clínica ORTEC- Orientação e Terapia Comportamental, em 1973”, fundada por ela e mais três colegas.

O professor Luiz Otávio de Seixas Queiroz é então novamente citado. Vera Otero também coloca sua importância, quando na década de 1980 o convidou para ir a Ribeirão Preto, formar um grupo, que se encontraria uma vez por mês naquela cidade para discussão de casos clínicos. O grupo era formado por seis terapeutas comportamentais, juntamente com terapeutas de outras abordagens teóricas, em encontros que funcionaram durante três anos.

Sonia Beatriz Meyer, formada pela PUCSP em 1974, referiu como sendo importantes em sua formação os contatos com: Hélio José Guilhardi e Jaíde Regra. De acordo com seu relato, tais contatos se deram durante a graduação. Meyer relatou que fez estágio em clínica com supervisão de Jaíde Regra e imagina-se que tenha sido aluna de Hélio Guilhardi na PUCSP, já que na “Entrevista gravada” Guilhardi colocou que lecionou na PUCSP entre as décadas de 1970 e 1990.

Yara Kuperstein Ingberman cita em resposta à pergunta que está sendo analisada que seu primeiro contato com a terapia comportamental foi com o psiquiatra Dr. Max Zugman (responsável técnico pela tradução do livro de Rimm e Masters) e que havia trazido para o Brasil o “Psychoterapy by Reciprocal Inibition” de Joseph Wolpe. Ela diz ainda que Dr. Max realizava aplicação das técnicas comportamentais, hipnose e dessensibilização sistemática. A participante não precisa a data deste fato.

Ainda sobre suas influências, Yara relatou que, “mais tarde”, de 1976 a 1978, Helio Guilhardi e Maly Delitti passaram a ir à Curitiba mensalmente para dar aulas e supervisões a um grupo de profissionais que desejava formação em Terapia Comportamental. Ela menciona que tal fato marcou o início de um enfoque operante no processo de psicoterapia que era marcadamente voltado para o modelo pavloviano. Tais aulas eram na Clínica Comportamental, fundada por Alzira Bernardes (a primeira clínica de terapeutas comportamentais de Curitiba) que havia se formado em Campinas e havia sido aluna de Hélio Guilhardi, de acordo com Yara K. Yngberman.

Outros mestres importantes para Yara Ingberman foram: a Prof. Dra. Nilce Mejias, sua orientadora de mestrado na Universidade de São Paulo (USP) em 1978 e a Prof. Dra. Edwiges de Mattos Silves, com quem realizou doutorado, também na USP, em Psicologia Clínica na abordagem comportamental. A participante refere-se

ainda à troca de experiências com colegas que considera terem sido importantes para “avançar como terapeuta comportamental”. São eles: Cristina Myiazaki, Eliane Falcone, Suzane Lohr, Fátima Conte, Zilah Brandão e Maura Gongora, Regina Wielenska, Sonia Meyer e Roberto Banaco.

Maria Luisa Guedes (Ziza Guedes) também apontou Hélio José Guilhardi (como fizeram até agora Sonia Meyer e Yara Ingberman) como importante para sua formação de terapeuta comportamental desde o início de seu desenvolvimento em tal atividade. A terapeuta foi graduada na PUCSP (em 1976) e de acordo com a “Entrevista gravada” realizada com Hélio Guilhardi, o mesmo cita Ziza Guedes como sua aluna e colega na PUCSP, confirmando tal contato.

Para Fátima Conte, vários foram os contatos importantes. Durante sua graduação, no CESULON, em Londrina – PR teve contato com: Dione de Rezende, José Antonio Abib, Luiz Leite, Almir Del Prette. Na pós-graduação na PUCCampinas – Mestrado em Psicologia – foi orientada por Anita Liberalesso Neri de 1979 a 1983. Também na pós-graduação em Campinas, teve contato com Maly Delitti e Marilda Lipp. Quando esteve na Universidade Federal de São Carlos, Fátima destacou o aprendizado com Silvio Botomé. Assim como o fez Yara Ingberman, em resposta a esta questão, Fátima também elencou colegas que considera terem importância em sua formação: da Universidade Estadual de Londrina: Rodolpho Santana, Maura Gongora e, através dos encontros da ABPMC: “Jaíde Regra, Roberto Banaco, Helio Guilhardi, Sonia Meyer, M. Martha Hübner, Maria Amélia, Maria Amália, Téia, Julio de Rose, Vera Otero, Raquel Kerbauy etc.”

Miriam Marinotti, que obteve sua graduação em 1979 na PUCSP, expôs que teve importantes contatos para sua formação neste curso. Os professores a que se referiu foram: Sérgio Luna, Maria do Carmo Guedes, Silvio Botomé (também mencionado por Fátima Conte), Célia Miraldo, Maria de Lourdes Zanotto e Sandra Bettoi. Como professores e supervisores, para Miriam Marinotti, foram relevantes: Sandra Cury; Hélio Guilhardi (também citado por Sonia Meyer, Yara Ingberman e Maria Luisa Guedes); Maria Luisa Guedes; Maly Delitti (também citada por Fátima Conte). A participante destaca ainda que com muitos destes ainda mantém contato até hoje.

Em relação à resposta de Regina Christina Wielenska, observa-se a citação a mais de dez profissionais. A primeira a ser destacado por ela é Sandra Maria Cury de Souza Leite, sua supervisora na graduação, na PUCSP. Carmen Silvia Teixeira

de Carvalho foi mencionada como supervisora de Regina fora da universidade, durante graduação e nos primeiros anos de formada. Maly Delitti e Eliana Regina Audi Silvério foram importantes relacionamentos, segundo seu relato, em aulas na graduação da PUCSP, o mesmo com Dr. Haim Grunspum e seus professores de psicodrama e trabalho corporal. Monitoras durante graduação na PUCSP também foram destacadas: Hélia Utida, Marlise Bassani, Monica Gianfaldoni, Martha Hübner, Denise Rubano, Ana Lúcia Cortegoso (Regina graduou-se em 1981). Maria Lucia Dantas Ferrara foi citada na graduação e na pós-graduação, o mesmo com Rachel Kerbauy, com quem teve aulas no mestrado e doutorado no Instituto de Psicologia da USP (IPUSP). Teresa Araújo foi sua professora no Mestrado IPUSP e outros professores no IPUSP na área da etologia.

Regina C. Wielenska também menciona nesta questão ter realizado “cursos e workshops mais breves com Charles Catania, Bob Kohlenberg, Steven Hayes, Michael Dougher etc.” Faz menção a seus três terapeutas, porém não cita nomes. Alguns “amigos” também são lembrados: “como Roberto Banaco, Olga Kubo e Roberta Azzi (esta, mais no início)”. Por fim, cita Miriam Marinotti de importância por tê-la treinado como monitora... “Em 30 anos de carreira não dá para dizer pouco e não tenho tempo de dizer tudo...” (Regina).

O último participante a ter sua resposta comentada é Roberto Alves Banaco, que se formou psicólogo em 1981, na PUCSP (idem a Regina Wielenska). Para Roberto, Hélio José Guilhardi, Eliana Audi e Maly Delitti configuram-se mestres de destaque em sua formação. Eles foram seus professores em disciplinas teóricas e supervisores em clínica comportamental na graduação. O participante menciona que:

“Com eles aprendi a teorizar e hipotetizar sobre os casos clínicos, observar aspectos relevantes ocorridos durante a sessão terapêutica, investigar informações necessárias para dar andamento à análise e aplicar técnicas importantes para a mudança. Foi especialmente importante de cada um deles: o modelo de atendimento que o Hélio propunha; a atenção dada a aspectos relevantes do caso que a Eliana nos incentivava a fazer; e a clareza na condução da sessão que a Maly oferecia.”

Roberto Banaco cita ainda Rachel Kerbauy e Maria Teresa Araújo e Silva, pessoas com que teve relação na pós-graduação, na USP (Roberto realizou mestrado na instituição em 1984 e doutorado em 1988). A partir do seu relato, observa-se que a importância de Rachel se deu por ter ministrado a ele um curso sobre autocontrole e demonstrado que era possível fazer pesquisa em clínica. Ainda sobre

Rachel, referiu que seus trabalhos sobre relato verbal foram fundamentais para que pudesse entender a prática clínica e seus efeitos sobre os clientes. Sobre Teresa Araújo e Silva, escreve ele que a mesma ministrou um curso fundamental em sua formação: Modelos Experimentais de Psicopatologia, pois no curso aprendeu a utilizar a análise do comportamento como ferramenta de análise do que até então lhe parecia um problema mental: “Foi tão marcante que hoje ministro cursos similares e realizo pesquisas nessa área” (Roberto).

A última questão do “Questionário” a ser comentada é a questão 8: “Outros dados que gostaria de comentar sobre sua formação como terapeuta comportamental”. Para discutir as respostas a esta questão, procurou-se observar temas recorrentes nos escritos dos participantes. Observou-se que os seguintes temas foram mencionados mais que uma vez: 1) importância do estudo de análise experimental do comportamento, 2) importância de participação na ABPMC (Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental), 3) a importância da troca com pares, 4) o aprendizado via aulas e clientes e o 5) aprendizado com profissionais de outras áreas que não análise do comportamento.

Sobre a “importância do estudo da análise experimental do comportamento, três terapeutas a mencionaram, sendo que Roberto Banaco comentou:

“O laboratório de pesquisa básica foi fundamental para poder aprender a analisar os casos de uma maneira crítica, analítica e comportamental. O fundamento conceitual que o laboratório proporcionou foi essencial. O treino em observação também foi essencial para o atendimento clínico”.

Sonia Meyer também se referiu a ter estudado análise experimental do comportamento em sua formação como terapeuta e Jaíde Regra disse que “considera ter sido importante na graduação ter tido aula de análise experimental do comportamento”.

A importância da participação em encontros da ABPMC foi citada por Fátima Conte e Vera Otero. Fátima discorreu que:

“A ABPMC foi uma oportunidade riquíssima de encontrar colegas interessantes e apaixonados pelo que faziam, sedentos de conhecimento. Ela começou pequena e se tornou um celeiro de idéias e propostas. Pude participar do processo de sua evolução e contei, na minha formação, com o apoio e valorização do meu trabalho por parte dos meus pares. Considero que o grupo de profissionais com quem me envolvi e do qual fiz e faço parte, foi e continua sendo de importância incalculável para

minha formação continuada , para me manter com os pés no chão e ainda, com cabeça cheia de sonhos e desejos de conhecimento e produção, apesar da minha idade ...”

De forma similar, Vera Otero também apresenta sua visão sobre a importância da ABPMC e também outros grupos para sua formação:

“A participação em congressos de associações científicas, tais como a Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP) e a Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, assistindo apresentações de trabalhos científicos e assim como apresentando ‘meus trabalhos’ à apreciação de colegas também foram de fundamental importância para a minha formação profissional. Estas participações, até hoje, são caminhos essenciais para a ‘atualização’ constante dos meus conhecimentos.”

Foi dado o nome de “importância da troca com pares” a trechos de respostas dos participantes que ressaltaram conversas com colegas, trabalho em equipe, discussão de casos em conjunto, em sua formação como terapeuta comportamental. Este tema foi notado nas respostas de cinco terapeutas: Fátima Conte, Miriam Marinotti, Vera Otero, Maria Luisa Guedes, Rachel Kerbauy, sendo assim o tema com maior frequência de aparecimento nas respostas à questão 8. Para exemplificar: “Sempre acreditei em fazer perguntas e discutir com pessoas que poderiam ensinar” – Rachel Kerbauy; e,

“Em síntese, penso que estar em contato com profissionais da área é indispensável para uma formação que é contínua, seja qual for o contexto (supervisão, discussão de casos, grupos de estudo, cursos, pesquisa etc.).” – Miriam Marinotti.

Por “aprendizado via aulas e clientes” classificou-se relatos que destacaram a relação entre o que era ministrado em aula e os atendimentos aos clientes como importantes para sua formação. Hélio Guilhardi e Jaíde Regra o fizeram, sendo que primeiro observou que: “Meu desenvolvimento se deve a uma interação inseparável entre clínica - meus clientes me modelaram à atuação clínica e aulas na PUCSP, PUCCampinas, Federal de São Carlos, cursos nos meus institutos – e os alunos me modelaram, conhecimento teórico, conceitual e experimental” e a segunda apresenta como relevante: “Ter dado aula sobre o mesmo assunto em que trabalhava no consultório, em instituições e escolas”.

O “aprendizado com profissionais de outras áreas que não análise do comportamento” foi citado por Diana Laloní e Yara Ingberman. Diana relatou no

questionário ter tido como professora a gestalista Therése Tellegan, na PUCCampinas: “(...) uma grande supervisora e modelo, sempre respeitou minha escolha pela terapia comportamental (denominação da época) e me ensinou a ser terapeuta”. Yara comentou que não havia formação específica em sua cidade – Curitiba – na década de 1970 e 80, mas que fez cursos em “(...) psicodrama pedagógico, terapia familiar sistêmica, bioenergética, orientação de pais por modelo influenciado pela psicanálise e pela psicologia social, psicopedagogia”.

A seguir serão apresentados e discutidos os dados obtidos nas “Entrevistas gravadas com os participantes: Rachel Rodrigues Kerbauy, Hélio José Guilhardi e Maly Delitti.

Rachel Rodrigues Kerbauy

Rachel Rodrigues Kerbauy descreveu então mais detalhadamente sobre os contatos que colocou como importantes para sua formação: Madre Cristina Maria, Rodolpho Azzi e Fred Keller.

Rachel relatou que sempre quis estudar no *Sedes* (Instituto *Sedes Sapientiae*) e que Madre Cristina Maria era coordenadora de tal instituição, quando Rachel foi estudar Pedagogia, nos anos 1950. A Madre também lecionava e atendia população carente da cidade de São Paulo no *Sedes* : “(...) era uma clínica imensa que funcionava a todo vapor”. Rachel explica que neste momento ainda não estava claro para ela o seu interesse por clínica, mas que sabia que gostava muito de dar aulas. Por isso, seu primeiro caminho então foi dar aulas em curso Normal, na cidade de São Paulo.

Sobre a parte pedagógica, Rachel referiu que a Madre propiciou a ela grande aprendizado. Disse que no quarto ano ela pediu para a turma de Rachel montar todos os pontos de um currículo da escola normal. O trabalho do ano todo foi montar as aulas e discutir em sala:

“(...) a Madre mostrando que agente tinha que preparar tudo e exigindo esse preparo da gente e... Não é que você fazia um pontinho... Você fazia, você tinha que ter organizado. Ela lia, os seus colegas liam, você tinha que discutir com todo mundo aqueles pontos que você tinha feito, era muito bem feito...”

Rachel aponta tal metodologia aprendida com a Madre como algo que a ensinou a estudar, a descobrir coisas, a ficar encantada com idéias novas e a ter respeito

pelo trabalho dos outros, algo que acredita ter feito sempre parte da forma como trabalha.

Após vários anos lecionando em cursos de escola Normal, Rachel informou que foi convidada pela Madre Cristina Maria para lecionar no *Sedes* e por lá iniciou seu trabalho com atendimento em terapia, também ao lado da Madre. Desta forma, a Madre era quem supervisionava Rachel. A formação da Madre era em psicologia psicodinâmica, mas de acordo com Rachel, elas discutiam como seria na abordagem comportamental o problema que estavam tratando.

De acordo com Rachel, não havia quem a supervisionasse na abordagem comportamental nesta época. Ela disse que, ninguém a não ser ela e Luiz Otávio de Seixas Queiroz, “batalhavam para fazer terapia quando o ambiente comportamental era voltado para a pesquisa” (dado do “Questionário”). (Lembrando que Rachel esteve em Brasília na UnB, no grupo junto com Keller, onde conviveu com Luiz Otávio). Rachel explicou que junto a Luiz Otávio S. Queiroz, liam os artigos e precisavam fazer a distinção entre pesquisa e aplicação. Eles também analisavam os procedimentos e adaptavam à situação clínica. Junto com Luiz Otávio Rachel traduziu o livro de Lundin, “Personalidade: uma análise do comportamento”. Raquel disse que manteve contato com Luiz Otávio depois de saírem de Brasília, ela em São Paulo e ele em Campinas, falando por telefone ou encontrando pessoalmente para discutir casos.

Este parece ser um importante dado do início da atuação do terapeuta comportamental no Brasil: não havia profissionais disponíveis que já trabalhassem desta forma no país. O início foi de descobertas através de leituras de artigos, traduções de livros e artigos internacionais, discussões com pares e até mesmo com profissionais de outras abordagens.

O fato de ter oportunidade para discutir com outras pessoas é muito ressaltado por Rachel Kerbauy na “Entrevista Gravada”: “Não adianta, você precisa ter alguém que discuta com você, senão você fica parada sozinha pensando.” Outro profissional de importância destacado por ela, neste sentido, é Rodolpho Azzi, que foi seu professor.

Sobre Rodolpho, contou Rachel que “ (...) ele tinha uma cabeça muito boa e saber ensinar e saber discutir, saber valorizar as coisas que você fazia”. Disse que ela por muitas vezes sentava e discutia com ele idéias, sempre pautado em pesquisas. Ela ressalta que foi Rodolpho Azzi quem escreveu o Manual de Laboratório que utilizaram em Brasília, na UnB, quando da formação do curso (1962).

Voltando a falar sobre a trajetória de Rachel, no *Sedes*, foi organizadora do Laboratório de Psicologia Experimental de 1966 a 1978. Em tal laboratório: “Eu tive o primeiro laboratório com pombos e caixas experimentais construídas de papelão pelos alunos e publiquei um manual sobre os procedimentos” (dados do “Questionário”).

Neste momento era também organizadora do que chamaram “especialização em psicologia experimental”. Tratavam-se de dois anos de curso no *Sedes*, que os alunos interessados em terapia comportamental podiam optar, inclusive alunos de outras faculdades podiam fazer. Rachel informou que recebia alunos da USP e PUCSP para fazer o quinto e sexto ano no *Sedes*, pois em suas universidades não haviam formação em terapia comportamental.

Neste ínterim, por volta de 1974, a entrevistada mencionou que o *Sedes* se uniu com a Faculdade São Bento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Ela disse que foi permitido que ela levasse para trabalharem com ela três professoras contratadas. Eliana Audi, Sandra Cury e Maly Delitti foram alunas que se destacaram, por isso a acompanharam. Porém, Rachel informou ter apenas esperado sua última turma vinda do *Sedes* acabar o curso para pedir demissão. Sandra Cury e Eliana Audi não se mantiveram na PUCSP, somente Maly Delitti permaneceu – até hoje inclusive, como será observado na discussão da “Entrevista Gravada” com a última.

Ao pedir demissão da PUCSP, Rachel já estava na USP. A professora tinha defendido o mestrado em 1969 e o doutorado em 1973, de forma que vinha trabalhando na USP em paralelo às atividades do *Sedes*. Assim, neste momento Rachel envolve-se com trabalhos na USP até por volta do ano de 2005, de acordo com seu relato.

Na USP, Rachel relatou sempre atender clientes, ela mesma, na clínica escola. Além disto, dava aulas e supervisionava alunos, na graduação e na pós-graduação. Fez concurso para professora titular e livre docência na universidade. Sua dedicação na USP era exclusiva, o que não a permitia ter outra atividade profissional. Por isso, iniciou o consultório particular somente mais recentemente, acredita ela há uns 15 anos. Ela ressalta, porém que “toda vida fiz clínica” e que para isto baseou-se muito em leituras. Revelou que desde o início até o momento assina várias revistas: JABA, JEAB, “Behavior Analyst”, “Cognitive and Behavior Practice”, “Behavior Therapy”, “Modificação de comportamento” (americana). E, ressalta novamente: “Porque não existiam as coisas aqui e eu queria estar a par do que estava sendo feito”.

A partir das descrições de Rachel, podem se inferir comportamentos seus que podem ter propiciado ser mestre formadora para outros terapeutas: o fato de estar sempre aberta para idéias novas, para aprender com os outros, discutir casos em equipe, estar atenta a inovações (leituras), e características de relacionamento interpessoal - ser bastante comunicativa. Tais características podem ser somadas ainda ao fato de ter estado no grupo de Brasília, que primeiro teve contato com a Análise do Comportamento no Brasil, e muitos anos de trabalho acadêmico, lecionando, supervisionando e orientando trabalhos (no *Sedes* e na USP), das décadas de 1960 até 2010...

Hélio José Guilhardi

Hélio José Guilhardi destacou como mestres formadores importantes Luiz Otávio de Seixas Queiroz (colega de Rachel Kerbauy) e Maria Amélia Matos.

O entrevistado colocou que conheceu Luiz Otávio no curso de graduação, na PUCCampinas. Como já mencionado, Luiz Otávio fez parte do grupo que foi a Brasília, montar o curso de Psicologia na UnB. Vindo de Brasília, o professor iniciou aulas na PUCCampinas, em 1966, montando um laboratório de psicologia experimental na faculdade, de acordo com relato de Guilhardi à “Entrevista Gravada”. Luiz Otávio organizou o curso de laboratório de forma personalizada, através do método Keller, o que incluía o auxílio de um monitor, que foi Hélio Guilhardi. Para isso, Hélio teve que realizar o curso antecipadamente, sendo treinado por Luiz Otávio.

A partir disto, Hélio colocou que desenvolveu uma intimidade profissional muito grande com o professor, que persistiu pelos anos seguintes: “(...) foi uma luz fulgurante dentro do curso e eu sempre ao lado dele como monitor, como auxiliar dele etc.”. Para o entrevistado, seu professor era também uma pessoa muito “aconchegante”, o que permitiu que todo aprendizado em análise do comportamento, behaviorismo, estivesse sempre ligado a uma figura muito “reforçadora”.

Luiz Otávio permaneceu na universidade até 1969, já que em agosto desse ano houve uma crise na PUC e quase todos os professores pediram demissão. Neste momento havia na universidade o que era chamada de Comissão Paritária, comissão formada por cinquenta por cento de alunos e cinquenta por cento de professores, de forma que o curso de Psicologia foi montado por esta comissão. A Comissão Paritária tentou batalhar pela volta dos professores, porém, sem sucesso. Este

fato foi relatado por Hélio, mas também já foi destacado pela literatura (Batista, Ferrari & Laloni, 2005).

Hélio lembrou que neste momento eles (alunos) estavam começando a ter o curso de terapia comportamental (na verdade chamado de modificação do comportamento na época) com o professor Luiz Otávio (agosto de 1969). A reitoria contratava então uma nova equipe de trabalho para lecionar na PUCCampinas, o que era de preocupação para os alunos, pois provavelmente seriam profissionais com uma forma diferente de trabalho daquela já vinha sendo realizada.

Assim, Luiz Otávio, desligado da universidade, convidou os alunos mais próximos dele para montar uma clínica de modificação de comportamento, aí já não mais no nível da universidade, uma clínica particular, em Campinas. Hélio colocou neste momento informações já mencionadas na literatura: o professor Luiz Otávio, mais os alunos de quinto ano, Hélio Guilhardi, Ilka da Veiga Moroni, Ana Teresa de Abreu Ramos, Maria Elisa Cardoso Guimarães, Erb Luís Lente Cruz, fundaram a primeira clínica com o nome oficial de “clínica de modificação de comportamento” do país. Por isto Hélio colocou em resposta ao “Questionário” que o ano de início de sua atuação como terapeuta comportamental foi em 1969. Ele ainda não tinha se formado psicólogo, porém na clínica com Luiz Otávio realiza atendimentos a pacientes, supervisões e discussões de caso.

Tal clínica funcionou em Campinas por dez anos, terminando em 1979. Neste momento Hélio comentou que cada um dos sócios da “clínica de modificação de comportamento” foram formar outros grupos, sendo que ele juntou-se a sua sócia (até hoje), Maria Beatriz Barbosa Pinho Madi e construiu um novo grupo de trabalho.

Hélio graduou-se em Psicologia na PUCCampinas então em 1970, ingressando no mestrado em Psicologia Experimental na USP. Sua orientadora foi a professora Maria Amélia Matos, outra importante influência para ele, mas não na área clínica. Pelo contrário, Hélio colocou que: “(...) ela [M. Amélia] achava que não era o momento de a gente começar os princípios da análise do comportamento em clínica, isto era uma experiência muito prematura, havia uma clara oposição a isto...”. O professor Hélio observou sobre isto que então era considerado “(...) uma pessoa meio à esquerda do processo dentro da pós-graduação (...)” por estar ligado à clínica.

Sobre Maria Amélia Matos, Hélio revelou que a mesma acrescentou muitos repertórios a ele em treinamento de pesquisa, aprofundamento de leitura de experimentos básicos. Para ele, Maria Amélia era uma professora muito rigorosa, muito

competente, alguém que propiciou a ele um acesso privilegiado à pesquisa básica. O entrevistado disse achar que “os saltos que eu dei na atuação clínica foram saltos muito apoiados no conhecimento da pesquisa básica, por isso que até hoje eu não rompi com análise do comportamento porque eu acho que ela dá conta de qualquer fenômeno humano”...

Em 1970, Hélio relata outro fato relevante de sua vida: a professora Maria do Carmo Guedes o convida para dar aulas na PUCSP. Hélio foi então para a PUCSP dar aulas de modificação do comportamento, algo que os alunos de Maria do Carmo Guedes estavam requisitando. O entrevistado justifica que deve este contato ao fato de ser muito próximo de Luiz Otávio e estar constantemente estudando com ele, de forma a estar preparado para atuar como professor da disciplina. As aulas na PUCSP então se iniciaram em 1970 e continuaram até por volta da década 90, quando lecionou por um curto período na PUCCampinas.

Hélio ressaltou a importância das aulas na PUCSP para sua formação como terapeuta comportamental. Disse que nesta época havia um “problema” que era “a ausência de método clínico estruturado”. De acordo com ele, os alunos e professores da PUCSP, muito competentes, apresentavam-se como um “público muito elaborado”, que o questionava sempre sobre sua atuação clínica. Afirmou que então passava a atender seus clientes pensando em como apresentar aquela intervenção de forma teórica durante as aulas e que isto foi lapidando sua atuação, como professor, e como clínico: “(...) eu fiquei sob influência de dois grupos de contingências de reforçamento que não se opunham, mas se complementavam...”.

E então, segundo o entrevistado, foi só no início da década de 2000 que ele disse ter conseguido elaborar de modo consciente o modelo de atuação clínica: “o que nós fazemos é trabalhar com contingências”. Hélio Guilhardi propôs então o modelo de “terapia por contingências de reforçamento” – repertório segundo ele “modelado pelas conseqüências vindas do cliente e do mundo universitário acadêmico, alunos e professores, colegas, muito mais deste universo do que um trabalho sob controle de regras...”, de forma que então, a passagem para a clínica teve um longo “período de gestação”, disse ele.

Em relação ao fato de ter sido formador de muitos terapeutas comportamentais, Hélio destacou a “prematuridade” de suas experiências como possível contingência que possa ter favorecido isto. No último semestre do quinto ano ele já estava atendendo em clínica e estudando junto a Luiz Otávio. Logo que se graduou

ingressou como professor na PUCSP e também na pós-graduação na USP. O fato de ter começado a lecionar com pouca idade faz com que muitos dos terapeutas e analistas do comportamento hoje em atuação tenham tido aulas com Hélio.

Outro aspecto a ser ressaltado, é que assim como Rachel Kerbauy, Hélio Guilhardi apresentou a questão da falta de modelo de atuação clínica. Mencionou na entrevista que foi construindo tal conhecimento através da interação entre aulas/ambiente da academia e atuação frente aos clientes.

Alice Maria Delitti (Maly Delitti)

Maly Delitti citou com importantes para sua formação: Maria Amélia Matos, Carolina M. Bori, Rachel Kerbauy, Antonio Armindo Camilo e Herma B. Bauermaister. Por ordem de aparecimento em sua carreira, a primeira a ser citada foi Herma Bauermaister.

Antonio Armindo Camilo foi professor de Maly em Assis, em um instituto isolado da USP, onde realizou sua licenciatura em Psicologia (curso de quatro anos). Ela referiu a ele como “uma figura importantíssima”, que a marcou ao construir com eles (alunos) uma máquina de ensinar: “era uma coisa fascinante”.

Herma foi também professora de Maly em Assis. A entrevistada expôs que foi monitora de laboratório de Herma, que foi quem fez o primeiro manual de laboratório experimental do Brasil, junto com Mario Guidi. De acordo com seu relato, ela “cresceu na abordagem” a partir deste contato com Herma. Foi Herma quem também, ao final do quarto ano de Maly, a “mandou” para fazer mestrado na USP, sob orientação da professora Maria Amélia Matos. Neste momento Maly tinha 21 anos (ressaltado por ela na “Entrevista”), tendo contato na USP com colegas de turma como Hélio Guilhardi e Jaíde Regra.

Ao tempo em que realizava o curso de mestrado na USP, Maly conheceu Rachel Kerbauy e foi com ela trabalhar no *Sedes*. Maly realizou o curso de especialização em psicologia experimental lá, quinto e sexto anos, trabalhando junto a Rachel. Disse que trabalhava com atendimento clínico, indo por vezes à casa do cliente fazer observações de comportamento. Maly completou: “Eu devo demais a Rachel Kerbauy em termos da minha entrada no mundo da terapia”. Em relação a sua orientadora de mestrado, Maria Amélia Matos, Maly mencionou que deve seu conhecimento teórico.

Quando a FFCL *Sedes* se uniu com a Faculdade São Bento na PUCSP, Maly foi trabalhar junto com Rachel Kerbauy, fato também mencionado pela última. Maly permaneceu na PUCSP como professora desde então, sempre dando aulas e supervisão em terapia comportamental. Ela mencionou na entrevista que trabalhou junto com Hélio Guilhardi todo tempo em que ela esteve lá e que atualmente o faz junto a Roberto Banaco.

Além de lecionar na PUCSP, Maly informou ter dado aula em outras faculdades. Entre elas, em Bauru, que hoje é UNESP, em Santos, hoje UNISANTOS e na pós-graduação na PUCCampinas. Em Bauru foi professora de Zilah Brandão (de Londrina) e Lincoln Gimenes (hoje na UnB, Brasília), sendo que ficou em Bauru até 1980. Maly comentou que era muito jovem neste momento, com vinte e poucos anos tinha a idade dos alunos para quem lecionava, o que a tornou muito íntima e amiga deles até hoje. Na pós-graduação da PUCCampinas Maly se lembrou de ter importantes contatos do Diana Laloni e Elza Guarido.

A entrevistada mencionou que parou de viajar com regularidade para dar aulas quando teve seus filhos, mas que ainda assim manteve-se indo uma vez por mês a algum local, tal como: Mato Grosso, Londrina, Curitiba, Ceará, Bahia... Referiu que ela e Hélio Guilhardi eram muito chamados para dar supervisões, cursos, em várias cidades, o que ela faz até o presente momento.

Assim como Rachel Kerbauy e Hélio Guilhardi, Maly também enfatiza a questão da ausência de modelo de atendimento em terapia comportamental. Maly apresentou Rachel como um importante modelo, mas mencionou que muita coisa estava por aprender em tal momento. Referiu que trabalhava muito junto com Hélio, assistindo um ao outro atender e discutindo em seguida. Ela acredita que esta tenha sido uma forma de aprendizagem para ela, além da base experimental da graduação e USP e muito estudo: “sempre fui muito estudiosa, qualquer coisa que saía eu já estava em dia”.

Tal base de formação, em uma época que a atuação em terapia comportamental era escassa, parece ter propiciado a Maly Delitti ser uma importante formadora de terapeutas. O fato de dar aulas desde então até hoje na PUCSP São Paulo também deve ser ressaltado e características pessoais, colocadas por ela mesma: “facilidade de relacionamento interpessoal”.

Considerações sobre o Método de Coleta de Dados

O Método desenvolvido inicialmente propôs como forma de coleta de dados a busca em documentos, no caso, Memorais de Concurso. Trabalhar com documentos seria de grande valia para levantamento de dados históricos, mas, infelizmente, muitos participantes não possuíam Memoriais ou não o puderam localizar.

Desta forma, foi necessário partir para outra forma de coleta de dados. Dada a natureza privada dos dados que se pretendia coletar, optou-se por trabalhar com Questionários e Entrevistas (assim como o fez Luna, 1983). Tal metodologia apresentou como vantagem ter acesso a dados que dificilmente poderiam ser encontrados de outra maneira, principalmente pelo caráter pessoal de muitas perguntas, tais como “Quem considera ter sido importante mestre em sua formação como terapeuta comportamental?”.

Porém, há que se considerar a questão da imprecisão do relato verbal, sob controle de variáveis múltiplas, tais como questões de história pessoal, podendo não corresponder a informações iguais a de pares, por exemplo. As informações “de memória” também podem conter falhas no que diz respeito a mencionar datas e ordens cronológicas...

Desta forma, a metodologia foi válida em buscar preencher uma lacuna na literatura, de dados com difícil forma de acesso, mas seria interessante estudar outras formas de acesso a histórias pessoais que não somente através de relato verbal.

CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo descrever a história de formação de alguns terapeutas comportamentais experientes do Brasil, contribuindo assim para a maturidade da área.

Pode-se notar que os terapeutas comportamentais participantes da pesquisa – terapeutas graduados na década de 1970 a 1980 – formaram-se em instituições com vínculo com o início da Análise do Comportamento no Brasil. São elas: Instituto *Sedes Sapientiae*, PUCSP, PUCCampinas e USP Ribeirão Preto. Em tais instituições estiveram presentes precursores da terapia comportamental, como Rachel Rodrigues Kerbauy, Luiz Otávio de Seixas Queiroz e Thereza Pontual de Lemos Mettel.

Em relação aos mestres formadores dos terapeutas entrevistados, observou-se que os mais citados foram: Maria Amélia Matos, Luiz Otávio de Seixas Queiroz, Hélio José Guilhardi, Rachel R. Kerbauy e Alice Maria Delitti (Maly Delitti).

Ao coletar dados através de entrevistas com os profissionais mais citados, pode-se notar a regularidade entre os dados obtidos. Hélio José Guilhardi, Rachel Kerbauy e Maly Delitti enfatizaram a questão da falta de modelo de atuação em terapia comportamental na época (década de 1960, início de 1970). Os três apontaram também a sólida formação em análise experimental do comportamento como de importância para desenvolvimento do trabalho em terapia.

Os três terapeutas também tiveram em comum o trabalho acadêmico pareado ao atendimento em terapia. Tiveram assim a oportunidade de formar vários alunos, em diferentes universidades.

A partir da questão da ausência de modelo, conclui-se então que os terapeutas precursores elaboraram modelos próprios de atuação, mas dentro de um mesmo referencial teórico – a análise do comportamento (quase todos participantes referiram F. B. Skinner como referência utilizada).

Tais dados coletados parecem indicar que atualmente os instrumentos com os quais se trabalha em terapia comportamental pelo Brasil devem ser bastante variáveis, já que os modelos foram sendo criados ao longo dos anos...

Dados de contexto a serem considerados em futuras pesquisas dizem respeito, por exemplo, à organização dos terapeutas em instituições. Já existe literatura que enfatize a criação de instituições, tal como o artigo “A ABPMC e a institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil”, de Guedes, Guimarães e

Queiroz (2007). Tal artigo lembra que a Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC) foi criada em 1991, mas cita outras organizações de terapeutas antes dessa data: em 1974, em São Paulo, existiu a AMC - Associação de Modificação do Comportamento, que se transformou em uma associação nacional com o nome ABAC (Associação Brasileira de Análise do Comportamento), por sua vez desativada em 1986, data da publicação do último número de seu periódico (Guedes, Guimarães e Queiroz, 2007).

O estudo de tais conformações de Associações pode fazer evoluir a descrição do curso da atuação dos terapeutas comportamentais no país, procurando responder questões como: com que instrumentos vêm trabalhando? Ocorreu modificação em sua forma de atuação ao longo dos anos? Atualmente, de que forma (metodologia, instrumentos) os terapeutas comportamentais atendem seus clientes? Como os novos terapeutas têm sido formados? Esses estudos seriam importantes, já que estudar a história de uma ciência inclui não somente a história individual, como fez esta pesquisa, mas a história do grupo de cientistas (Andery, Micheletto & Sérgio, 2000).

Além do estudo através da história de associações, outras pesquisas poderiam incluir o estudo de currículos de universidades, procurando responder: Qual o conteúdo ministrado nas aulas de terapia comportamental? Qual o treinamento propiciado aos alunos que serão terapeutas? São ensinados diferentes instrumentos (Terapia da Aceitação e Compromisso, FAP, Terapia por contingências de reforçamento...)? E, mais, como tais currículos se modificaram ao longo dos anos?

O presente estudo relatou fatos que por vezes já eram de conhecimento de alguns terapeutas mais experientes, mas não estavam registrados. No entanto, observa-se que a área carece ainda de maiores estudos, a fim de verificarem-se quais os desdobramentos, para a atuação clínica, da história de formação dos precursores do país, solidificando o campo da terapia comportamental no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andery, M. A., Micheletto, N., Sério, T. M. (2000). Pesquisa histórica em análise do comportamento. *Temas em Psicologia da SBP*, 8, 2, 137-142.

Batista, C. G.; Ferrari, E. M. & Laloni, D. T. (2005). Luiz Otávio de Seixas Queiroz: um pioneiro da análise do comportamento no Brasil. *Revista brasileira de análise do comportamento*, 1 (2), 269-273.

Branco, A.; Maciel, D. & Silva, M. (2007). Uma história e perspectivas na psicologia do desenvolvimento: com a palavra Thereza Mettel. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, pp.131-135.

Candido, G. V. (2009). *A Análise do Comportamento em Grupos de Pesquisa: uma perspectiva histórica*. Dissertação de mestrado. Programa de Psicologia Experimental: Análise do comportamento Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da UnB (2007). Professora Emérita Thereza Pontual de Lemos Mettel. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, pp. 125-129.

Guedes, M. C. (2008). Para uma História da Análise do Comportamento no Brasil. *Anais do Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental*, Campinas, São Paulo, Brasil.

Guedes, Cândido, Bellodi, Giolo, Gurgel, Matheus, Miguel & Vieira, (2008). *A introdução da Análise do Comportamento no Brasil: vicissitudes*. In: LABEX, 2008, São Paulo. Behaviors. São Paulo, 2008.

Guedes, M. C.; Guimarães, T. A.; Queiroz, A. B. (2007). *A ABPMC e a Institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil*. In: LABEX, 2007, São Paulo. Behaviors. São Paulo, 2007.

Guilhardi, H. J. (2003). *Tudo se deve às conseqüências...* Disponível em: [HTTP//www.terapiaporcontingencias.com.br](http://www.terapiaporcontingencias.com.br)

Luna, S. V. (1983). Análise de dificuldades na elaboração de teses e dissertações a partir da identificação de prováveis contingências que controlam essa atividade. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, SP, Brasil.

Matos, M. A. (1998a). Contingências para a Análise Comportamental no Brasil. *Psicol. USP*, vol.9, n.1, pp. 89-100.

Matos, M. A. (1998b) CAROLINA BORI: A Psicologia Brasileira como Missão. *Psicol. USP*, vol.9, n.1, pp. 67-70.

Micheletto, N.; Guedes, M. C.; Cesar G.; Pereira, M. E. M. (2010). Disseminação do Conhecimento em Análise do comportamento produzido no Brasil (1962-2007). In: E. Z. Tourinho; S. V. de Luna. (Org.). *Análise do Comportamento: Investigações Históricas, Conceituais e Aplicadas*. 1 ed. São Paulo: Roca, p. 101-123.

Morris, E.K., Todd, J.T., Midgley, B.D., Schneider, S.M., & Johnson, L.M. (1995). Conclusion: Some historiography of behavior analysis and some behavior analysis of historiography. In J.T. Todd & E.K. Morris (Eds.). *Modern perspectives on B.F. Skinner and contemporary behaviorism*. (pp. 195-215). Westport, CT: Greenwood Press.

Otero, V. R. L. (2006). Homenagem ao sócio honorário: Isaias Pessotti. *Temas em Psicologia*, 14(1), 09-11.

Pessotti, I. (1988). Notas para uma história da Psicologia Brasileira. In *Quem é o Psicólogo Brasileiro? Conselho Federal de Psicologia*, São Paulo: EDICON.

Queiroz, L. O. S. e Guilhardi, H. J. (1980). Use of Mediators in a Behavior Modification Clinic in Brazil. In G. J. Martin e J. G. Osborne (Eds.). *Helping in the Community-Behavioral Applications*, Plenum Press, New York.

Rangé, B. & Guilhardi, H. (1995). História da psicoterapia comportamental e cognitiva no Brasil. Em: B. Rangé (Org.). *Psicoterapia comportamental e cognitiva. Pesquisa, prática, aplicações e problemas Vol. 2*, pp.55-69. Campinas: Editorial Psy.

Todorov, J. C. (2006). Behavior Analysis in Brazil. *Avances en Psicología Latinoamericana*, vol. 24, pp 29-36. <http://www.abepsi.org.br/web/LinhadoTempo.aspx> (recuperado em 02/03/2010).

ANEXOS

Anexo 1. Questionário para levantamento de dados sobre história de terapeutas comportamentais no Brasil.

NOME:

Data de Nascimento:

I) Informações sobre a Graduação em Psicologia:

1) Instituição, cidade, estado: Ano de conclusão:

II) Informações sobre Pós-Graduação (inclua informações sobre cursos *lato sensu* e *stricto sensu*):

2) Realizou Pós-Graduação:

() Não

() Sim (preencha abaixo os cursos de pós-graduação):

3) Informações sobre as Pós-Graduações, *lato* e *stricto sensu*.

Curso/ área de concentração:

Instituição, cidade, estado:

Ano de conclusão:

Curso/ área de concentração:

Instituição, cidade, estado:

Ano de conclusão:

Curso/ área de concentração:

Instituição, cidade, estado:

Ano de conclusão:

III) Informações sobre atividade de terapeuta comportamental:

4) Ano em que iniciou sua atividade profissional como terapeuta comportamental:.....

5) Atualmente, onde trabalha como terapeuta comportamental? (podem ser marcadas uma ou mais opções)

() não trabalho mais, afastei-me de tal atividade no ano de

() consultório particular, na cidade de no estado

Nome do consultório (se houver):.....

() clínica/instituição privada, na cidade de..... no estado

Nome da clínica ou instituição privada (se houver):.....

() instituição pública, na cidade de no estado

Nome da instituição pública:.....

() outro, na cidade de no estado

Nome:.....

Anexo 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento

1) Dados de Identificação

- a) Nome:
- b) CPF:

2) Proposta de Pesquisa:

Estamos realizando uma pesquisa sobre a história da terapia comportamental no Brasil. O objetivo da mesma é descrever parte da história da terapia comportamental no Brasil através de pesquisa relacionada à história de aprendizado de terapeutas experientes da área.

Para tal, é necessário que esteja de acordo com as seguintes condições:

- a) O “QUESTIONÁRIO PARA LEVANTAMENTO DE DADOS SOBRE HISTÓRIA DE TERAPEUTAS COMPORTAMENTAIS NO BRASIL” e a “ENTREVISTA GRAVADA” serão utilizados como fonte de dados para elaboração de dissertação e artigo;
- b) A identidade do participante será revelada, por ser de importância para a pesquisa;
- a) Será possível o esclarecimento de dúvidas, a qualquer momento da pesquisa.

Cidade:

Data:

Estou de acordo com os termos acima.

Assinatura do Participante:

PESQUISADORA:

Anita Colletes Bellodi

CPF: 224446698-19

Tel. (19) 9787 6060

ORIENTADOR:

Roberto Alves Banaco

CPF: 033.623.368-09

Tel.: (11) 3864 9732

Anexo 3. Roteiros de Entrevista Semi- Estruturada

1) Roteiro de Entrevista Gravada com Hélio José Guilhardi

Prof. Hélio,

O objetivo da presente pesquisa é descrever parte da história da terapia comportamental no Brasil através de pesquisa relacionada à história de aprendizado de terapeutas experientes da área. Gostaria que respondesse mais algumas perguntas, visando complementar informações coletadas no questionário que já respondeu e também questões que surgiram a partir das respostas de outros terapeutas participantes.

1) Gostaria que você descrevesse, por favor, como se deram os contatos com os profissionais que você referiu em resposta à questão 7 do Questionário:

“Quais terapeutas ou supervisores ou professores considera terem sido importantes para sua formação como terapeuta comportamental? Onde ocorreu o contato com tais pessoas? Quando?”

“Luiz Otávio de Seixas Queiroz – pioneiro da Terapia Comportamental no Brasil e Maria Amélia Matos – formação experimental e de pesquisa (orientadora da minha tese). O primeiro no meu curso de formação – graduação na PUC-Campinas de 1965 a 1969. A segunda na USP curso de pós-graduação – mestrado. A partir daí desenvolvimento individual.”

2) O seu nome foi bastante citado pelos participantes da pesquisa quando perguntados: “Quais terapeutas ou supervisores ou professores considera terem sido importantes para sua formação como terapeuta comportamental?”

Como acha que isto se deu? Quais contingências acredita terem propiciado tornar-se mestre formador para outros profissionais?

3) Gostaria de comentar algum outro fato que não foi perguntado?

Anexo 3. Roteiros de Entrevista Semi- Estruturada

2) Roteiro de Entrevista Gravada com Rachel Kerbauy

Profa. Rachel,

O objetivo da presente pesquisa é descrever parte da história da terapia comportamental no Brasil através de pesquisa relacionada à história de aprendizado de terapeutas experientes da área. Gostaria que respondesse mais algumas perguntas, visando complementar informações coletadas no questionário que já respondeu e também questões que surgiram a partir das respostas de outros terapeutas participantes.

1) Gostaria que descrevesse, por favor, como se deram os contatos com os profissionais que referiu em resposta à questão 7 do Questionário:

“Quais terapeutas ou supervisores ou professores considera terem sido importantes para sua formação como terapeuta comportamental? Onde ocorreu o contato com tais pessoas? Quando?”

“Indiscutivelmente Madre Cristina Maria. Supervisora eficiente e que sabia psicodinâmica, mas discutia comigo como seria a abordagem comportamental naquele problema. Ninguém aqui, a não ser eu e Luis Otavio de Seixas Queiroz batalhávamos para fazer terapia quando o ambiente comportamental era voltado para a pesquisa. Precisávamos ler os artigos e fazer a distinção entre pesquisa e aplicação. Saber inclusive analisar os procedimentos e adaptá-los a situação clínica.

Madre Cristina era a diretora do curso de Psicologia do Sedes e tinha sido minha professora. Eu admirava sua inteligência e respeito pelas pessoas além do conhecimento teórico e o saber aplicá-lo com população de várias classes sociais. Ela me contratou para lecionar psicologia experimental e incentivou minha busca de aplicação. Eu tive o primeiro laboratório com pombos e caixas experimentais construídas de papelão pelos alunos e publiquei um manual sobre os procedimentos. Tive também depois laboratório com ratos.

Outra pessoa que consultava eventualmente era Rodolpho Azzi. Tinha sido meu professor e era aberto para inovações”.

2) O seu nome foi bastante citado pelos participantes da pesquisa quando perguntados: “Quais terapeutas ou supervisores ou professores considera terem sido importantes para sua formação como terapeuta comportamental?”

Como acha que isto se deu? Quais contingências acredita terem propiciado tornar-se mestre formador para outros profissionais?

3) Gostaria de comentar algum outro fato que não foi perguntado?

Anexo 3. Roteiros de Entrevista Semi- Estruturada

3) Roteiro de Entrevista Gravada com Maly Delitti

Profa. Maly,

O objetivo da presente pesquisa é descrever parte da história da terapia comportamental no Brasil através de pesquisa relacionada à história de aprendizado de terapeutas experientes da área. Gostaria que respondesse mais algumas perguntas, visando complementar informações coletadas no questionário que já respondeu e também questões que surgiram a partir das respostas de outros terapeutas participantes.

1) Gostaria que você descrevesse, por favor, como se deram os contatos com os profissionais que você referiu em resposta à questão 7 do Questionário:

“Quais terapeutas ou supervisores ou professores considera terem sido importantes para sua formação como terapeuta comportamental? Onde ocorreu o contato com tais pessoas? Quando?”

Maria Amélia Matos,

Carolina M. Bori

Rachel Kerbauy

Antonio Armino Camilo

Herma B. Bauermaister

Estes contatos se iniciaram na graduação e pós-graduação.”

2) O seu nome foi citado por vários participantes da pesquisa quando perguntados: “Quais terapeutas ou supervisores ou professores considera terem sido importantes para sua formação como terapeuta comportamental?”

Como acha que isto se deu? Quais contingências acredita terem propiciado tornar-se mestre formador para outros profissionais?

3) Gostaria de comentar algum outro fato que não foi perguntado?

Anexo 4. Lista completa dos mestres que influenciaram os participantes e referentes números de participantes que citaram tal mestre.

Mestres que influenciaram	Número de participantes que o referiram como importante formador
Maly Delitti	6
Hélio Guilhardi	6
Luiz Otávio de Seixas Queiroz	4
Maria Amélia Matos	4
Rachel Kerbauy	4
Anita Liberalesso Neri	2
Carolina M. Bori	2
Eliana Regina Audi Silvério	2
Jaíde Regra	2
M. Martha Ubner	2
Marilda Novaes Lipp	2
Maura Gongora	2
Roberto Banaco	2
Sandra Cury	2
Silvio Botomé	2
Sonia Meyer	2
Teresa Araujo	2
Thereza Pontual de Lemos Mettel	2
Almir Del Prette	1
Ana Lúcia Cortegoso	1
Antonio Armindo Camilo	1
Carmen Silvia Teixeira de Carvalho	1
Célia Miraldo	1
Cristina Myiazaki	1
Denise Rubano	1
Dione de Rezende	1
Dr. Haim Grunspum	1
Dr. Max Zugman	1
Edwiges de Mattos Silvares	1
Eliane Falcone	1
Fatima Conte	1
Fred Keller	1
Garry L. Martin	1
Harry Lettner	1
Hélia Utida	1
Herma B.Bauermaister	1
Isaias Pessotti	1
Jefferson M. Fish	1
Jose Antonio Abib	1
Julio de Rose	1
Luiz Leite	1
Luiz Marcelino de Oliveira	1
Madre Cristina Maria	1
Maria Amália Andery	1
Maria de Lourdes Zanotto	1

(Continuação): Anexo 4. Lista completa dos mestres que influenciaram os participantes e referentes números de participantes que citou tal mestre.

Maria Lucia Dantas Ferrara	1
Maria Luisa Guedes	1
Marlise Bassani	1
Monica Gianfaldoni	1
Nilce Mejias	1
Oscar Venâncio Oñativia	1
Regina Wielenska	1
Rodolpho Azzi	1
Rodolpho Santana	1
Sandra Bettoi	1
Sergio Luna	1
Suzane Lohr	1
Therése Tellegan	1
Vera Otero	1
Zilah Brandão	1

Anexo 5. Lista completa de referências citadas pelos participantes

Referência	N de participantes que citaram tal referência
Skinner, B. F.	10
JABA – Journal of Applied Behavior Analysis	5
Keller, F.S.; Schoenfeld, W.N.	5
Bandura, A.	4
Bijou, S. W. & Baer, D. M.	4
Ferster, C.B.	3
JEAB – Journal of Experimental Behavior Analysis	3
Lazarus, A.	3
Millenson, J. R.	3
Rimm, David C. & Masters, John C..	3
Sidman, M.	3
Ulmann, L. P. & Krasner, L.	3
Beck, Aaron.	2
Davison, Gerald & Goldfried, Marvin.	2
Fester, C. B., Culbertson, S., & Boren, M. C.	2
Staats & Staats	2
Wolpe, J.	2
Yates	2
Andery, M.A.	1
Baer	1
Baer, Donald	1
Banaco, R.A.	1
Behavior Therapy	1
Coleção “Sobre comportamento e Cognição ”-ESETEC	1
D’Zurilla, Tom.	1
Fish, J.	1
Gibson, . J.	1
Hackney & Nye	1
Haley, J.	1
Haring, N. G. & Schiefelbusch	1

(Continuação): **Anexo 5. Lista completa de referências citadas pelos participantes**

Iñesta, Ribes	1
Johnson, D. J. & Myklebust, H. R.	1
Journal of Behavior Therapy	1
Kanfer, F.H. & Philips, J.S. (1970).	1
Keller, F.	1
Keller, Fred.S. & Iñesta, Emílio Ribes.	1
Lundin	1
Mager, R.	1
Malott, Richard	1
Martin, Garry	1
Meichenbaum, Donald.	1
Neuringer, C. & Michael, J. L.	1
Oaklander, V.	1
Risley, Todd	1
Sério, T.M.P.	1
Staats, A. W.	1
Stevenson, H. W.	1
Ulrich, R.; Stachnik, T. & Mabry, J.	1
Vance Hall, Marion C.Panyan, Alan H. Wheeler e Wayne L. Fox.	1
Viscot, David.	1
Wolf, Montrose	1
Zaro, Barach, Nedelman & Dreiblat	1
